

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ

GABRIELA GIROLETTI MARIA

**UM OLHAR SOBRE A DORORIDADE EM *CARTAS PARA MINHA AVÓ*, DE
DJAMILA RIBEIRO**

PATO BRANCO

2022

GABRIELA GIROLETTI MARIA

**UM OLHAR SOBRE A DORORIDADE EM *CARTAS PARA MINHA AVÓ*, DE
DJAMILA RIBEIRO**

A look at the Dororidade in *Cartas para minha avó* by Djamilia Ribeiro

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentada como requisito para obtenção do título de licenciado em Letras – Português/Inglês da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR) Campus Pato Branco.

Orientador(a): Rosangela Aparecida Marquezi

PATO BRANCO

2022



Esta licença permite download e compartilhamento do trabalho desde que sejam atribuídos créditos ao(s) autor(es), sem a possibilidade de alterá-lo ou utilizá-lo para fins comerciais. Conteúdos elaborados por terceiros, citados e referenciados nesta obra não são cobertos pela licença.

GABRIELA GIROLETTI MARIA

**UM OLHAR SOBRE A DORORIDADE EM *CARTAS PARA MINHA AVÓ*, DE
DJAMILA RIBEIRO**

Trabalho de conclusão de curso de graduação
apresentada como requisito para obtenção do título de
Licenciado em Letras – Português/Inglês da
Universidade Tecnológica Federal do Paraná
(UTFPR), Campus Pato Branco.

Data de aprovação: 01 de Dezembro de 2022.

Prof^ª. Rosangela Aparecida Marquezi (ORIENTADORA)
Mestra em Educação
Universidade Tecnológica Federal do Paraná Campus Pato Branco

Prof. Dr. Marcos Hidemi de Lima (MEMBRO)
Doutorado em Letras
Universidade Tecnológica Federal do Paraná Campus Pato Branco

Prof. Dr. Sidinei Eduardo Batista (MEMBRO)
Doutorado em Letras
Universidade Tecnológica Federal do Paraná Campus Pato Branco

PATO BRANCO

2022

Dedico este trabalho às mulheres que me ensinaram o que é amor e resiliência.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha mãe, Valdineia Giroletti, por ser meu cais, e à minha avó materna, Ivete S. Moreira, por ser tão presente e prestativa ao longo dos meus anos.

Também agradeço aos meus amigos que acompanharam essa trajetória, em especial, à minha colega de turma Suelen Croge. Ser a sua dupla nas inúmeras atividades avaliativas fez tudo ficar mais leve, obrigada!

Impossível não lembrar da minha finada avó paterna que, durante a pesquisa deste trabalho, não saiu dos meus pensamentos. Então, agradeço a ela por ser o sentimento de amor mais vívido da minha memória. Obrigada, vó Néia.

Agradeço à minha orientadora, professora Rosangela Aparecida Marquezi, pela disponibilidade, paciência, sabedoria e incentivo.

E também deixo aqui o meu muito obrigada aos professores do curso de Licenciatura em Letras - Português/Inglês da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), Campus Pato Branco, pelos muitos aprendizados ao longo desses anos e por lecionarem com amor, carinho e esperança. Vocês contribuem diretamente na construção de uma educação acessível e de qualidade.

Mas mesmo assim
ainda guardo o direito
de algum antepassado da cor
brigar sutilmente por respeito
brigar bravamente por respeito
brigar por justiça e por respeito

(Elza Soares, 2002).

MARIA, Gabriela Giroletti. **Um olhar sobre a Dororidade em *Cartas para minha avó, de Djamila Ribeiro***. 2022. 55f. Monografia (graduação em Letras Português e Inglês) - Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Pato Branco, 2022.

RESUMO

Cartas para minha avó (2021) foi escrito pela autora Djamila Ribeiro, feminista, negra, filósofa e escritora brasileira contemporânea. Ribeiro utiliza a literatura para escrever cartas para a sua finada avó, com o intuito de dividir relatos pessoais que mostram o caminho percorrido para chegar até a mulher que ela se tornou, o que inclui questões raciais e de gênero que impactaram a sua vivência. Em vista disso e da relevância que Ribeiro tem conquistado na literatura brasileira afro-brasileira contemporânea, este estudo teve o objetivo de verificar como a Dororidade é um sentimento recorrente na escrita da autora. Para o alcance do objetivo, foi necessário realizar uma pesquisa bibliográfica, com destaque para os nomes Eduardo de Assis Duarte (2005, 2010), Conceição Evaristo (1996, 2005, 2007), Maria Nazareth Soares Fonseca (2005), Edmilson de Almeida Pereira (1995), Djamila Ribeiro (2013, 2018, 2021) e Vilma Piedade (2017). Com base nos resultados atingidos, foi possível constatar que existe um forte sentimento de Dororidade nos relatos da autora, que em diversos momentos traz na sua história a força de suas ancestrais e (re)afirma sua posição de luta, por fazer parte de uma sociedade patriarcal em que o racismo e o machismo se fazem presentes diariamente, compartilhando a mesma dor de suas ancestrais e das mulheres que, como ela, passam lutam por um mundo mais igual.

Palavras-chave: literatura afro-brasileira; feminismo; Dororidade.

ABSTRACT

Cartas para minha avó (2021) was written by Djamila Ribeiro, a black feminist, philosopher, and contemporary Brazilian writer. Ribeiro uses literature to write letters to his deceased grandmother and to share personal stories that show the path taken to reach the woman she has become, which includes racial and gender issues that impacted her experience. Because of this and the faith Ribeiro has conquered contemporary Brazilian Afro-Brazilian literature this study aimed to verify how Dororidade is a recurrent feeling in the author's writing. To reach the objective, it was necessary to carry out bibliographical research, with emphasis on the names Eduardo de Assis Duarte (2005, 2010), Conceição Evaristo (1996, 2005, 2007), Maria Nazareth Soares Fonseca (2005), Edmilson de Almeida Pereira (1995), Djamila Ribeiro (2013, 2018, 2021) and Vilma Piedade (2017). Based on the results achieved, it was possible to verify that there is a strong feeling of Dororidade in the author's reports, who at various times brings in her history the strength of her ancestors and (re)affirms her position of struggle for being part of a society patriarchy in which racism and machismo are present on a daily, sharing the same pain as their ancestors and women like her, struggle for an more equal world.

Keywords: afro-brazilian literature; feminism; Dororidade.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	13
2 LITERATURA AFRO-BRASILEIRA: SEUS CONCEITOS, SEUS LIMITES E AUTORES.....	15
2.1 Literatura afro-brasileira – o que a define.....	15
2.2 Precusores, consolidadores e a contemporaneidade da literatura afro-brasileira.....	20
2.3 Discussões acerca do tema.....	26
3 NARRADORAS MULHERES: A FORÇA DA DORORIDADE.....	30
3.1 A memória como peça fundamental de uma identidade.....	30
3.2 Irmandade entre as mulheres – a sororidade e a Dororidade.....	33
3.3 Discussões acerca da literatura afro-brasileira feminina.....	37
4 A FORÇA DA DORORIDADE EM CARTAS PARA MINHA AVÓ.....	42
4.1 Djamila Ribeiro: vida e obra.....	42
4.2 <i>Cartas para minha avó</i> : um olhar a partir das características da literatura afro-brasileira.....	44
4.3 As relações de Dororidade entre as personagens de <i>Cartas para minha avó</i>	48
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	54
REFERÊNCIAS.....	56

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como propósito estudar a obra *Cartas para minha avó* (2021), da escritora afro-brasileira contemporânea Djamila Ribeiro. O foco da análise é a possibilidade de verificar a presença da Dororidade¹ como parte central na narrativa apresentada pela autora. Nessa perspectiva, este trabalho busca entender como a mulher negra é representada na obra e busca a compreensão de sentimentos e ações determinadas a partir do vínculo moral, social e político entre as mulheres. Sendo assim, é necessário compreender o desenvolvimento das personagens ao longo da narrativa, levando em consideração a perspectiva histórica e política presentes na obra.

Cartas para minha avó (2021) narra a trajetória de Djamila Ribeiro até alcançar a fase adulta. A narrativa é feita por meio de cartas que a autora escreve para sua finada avó, Dona Antônia. Dentro dessa delimitação, Djamila recorre a sua memória para lembrar como foi ser criada em uma família composta por pessoas negras, lembrando também um pouco da cultura e tradição afro-brasileira com a qual teve contato.

Para a análise, buscou-se reunir dados e informações com o propósito de responder de que forma a Dororidade da mulher negra é retratada na obra. O recorte a ser investigado nessa narrativa visa analisar como Djamila Ribeiro apresenta as personagens femininas e de que maneira a solidariedade e a relação de irmandade entre essas personagens incorporam ou rejeitam certas ações e pensamentos, influenciando a jornada construída na narrativa das mulheres negras, levando em consideração a forte tendência patriarcal e machista que domina a sociedade brasileira.

A problemática também engloba a condição dos negros na sociedade brasileira, descendentes de escravizados que são dolorosamente lembrados do passado de escravidão por meio do racismo. Além disso, também é necessário compreender como as personagens femininas retratam a realidade de inúmeras mulheres brasileiras, partindo do ponto de que a narrativa descrita por Djamila pode ser facilmente encontrada no cotidiano brasileiro.

¹Optou-se, neste trabalho, utilizar a grafia tal qual Vilma Piedade, autora do termo, a utiliza em sua obra homônima, *Dororidade*, sempre com a inicial maiúscula. (PIEADADE, 2017).

A análise se apresentará por meio de pesquisa bibliográfica. Assim, este trabalho orienta-se em livros, artigos científicos, publicações de revistas impressas ou *on-lines* que auxiliam na construção da identidade afrodescendente literária e das personagens que serão analisadas, levando em consideração, principalmente, as discussões acerca do *corpus* literário da literatura afro-brasileira e da Dororidade. Destacam-se, então, as discussões de Eduardo de Assis Duarte (2005; 2010), Conceição Evaristo (1996; 2005), Maria Nazareth Soares Fonseca (2005), Edmilson de Almeida Pereira (1995), Djamila Ribeiro (2013; 2018; 2021), Vilma Piedade (2017), dentre outras e outros autoras/es que tanto contribuem para esses estudos.

Para o desenvolvimento dos temas, estrutura-se este trabalho em três principais capítulos, além da *Introdução* e das *Considerações Finais*. O primeiro, *Literatura Afro-Brasileira: seus conceitos, seus limites e autores*, traz conceitos e discussões sobre a literatura afro-brasileira, bem como seu percurso histórico e a sua consolidação no meio literário. O segundo, *Narradoras mulheres: a força da Dororidade*, apresenta a definição de memória e a importância dela para a literatura afro-brasileira, juntamente com a definição de Dororidade, a fim de discutir como ela fomenta a memória de narradoras afrodescendentes. O terceiro capítulo, *A força da Dororidade em Cartas para minha avó*, é o momento da análise da obra *Cartas para minha avó* (2021), em que se analisa a existência da Dororidade como parte constitutiva dos sentimentos da narradora.

2 LITERATURA AFRO-BRASILEIRA: SEUS CONCEITOS, SEUS LIMITES E AUTORES

Neste capítulo, são abordados conceitos sobre o *corpus* da literatura afro-brasileira, apresentando discussões relacionadas às complexidades de gênero, raça e de classe ao tema e que são pontos cruciais para compreender o caminho percorrido por suas autoras e autores. Para isso, buscam-se autores que têm discutido essa literatura, tais como: Eduardo de Assis Duarte, Maria Nazareth Soares Fonseca, Conceição Evaristo e Edimilson de Almeida Pereira, além de outros teóricos e estudiosos literários que apontam temáticas e características que contribuem para a definição da literatura afro-brasileira e seus atributos.

2.1 Literatura afro-brasileira – o que a define

A literatura afro-brasileira vem sendo discutida como um *corpus* literário específico, dentro da literatura brasileira, por autores como Eduardo de Assis Duarte (2007) e Maria Nazareth Soares Fonseca (2005), dentre outras e outros escritores. *Corpus* este que é marcado por características próprias e que também é marcado por uma discussão acerca do nome: literatura afro-brasileira ou literatura negra? Discussão essa que não diminui ou esfacela suas características, no entendimento da autora deste trabalho, que opta por trabalhar esse *corpus* a partir da definição de literatura afro-brasileira, pois a considera mais abrangente, além de ser o termo mais utilizado por estudiosos da área.

Por isso, entende-se que mais importante do que a discussão acerca do nome, é saber que é possível encontrar resquícios dessa produção literária desde meados do século XVIII, presente nas obras dos escritores brasileiros como Domingos Caldas Barbosa (1738-1800), Maria Firmina dos Reis (1822-1917), Cruz e Souza (1861-1898), Luís Gama (1830-1882), Lima Barreto (1891-1922) e José Carlos do Patrocínio (1853-1905), nomes que se destacam e que mostram uma produção diversificada que transita entre diversas correntes literárias: ficção, poesia, entre outras, construindo parte da história do povo brasileiro por meio da literatura.

Escritoras e escritores brasileiros que assumem sua etnia afrodescendente e que buscam ocupar espaços para alcançar uma visibilidade em torno da cultura negra

e do pertencimento, colocando o negro como uma potência e fomentando um espaço para se discutir questões individuais, sociais e culturais, além de lutarem diretamente contra o racismo. Duarte (2005) afirma que um dos principais motivos para esse *corpus* ter o destaque a que a ele é dado, é a ampliação da chamada classe média negra, com um número crescente de profissionais negros com formação superior buscando lugar no mercado de trabalho e no universo do consumo.

Para Proença Filho (2004), essa literatura tem como princípio uma autora/autor que se considera negro ou descendente de negros; uma autora/autor que discute o que é ser negro e os problemas sociais existentes a partir desse recorte social, já que a existência negra é ameaçada por uma estrutura de posicionamentos políticos e ideológicos construídos ao longo dos séculos e que influenciam a literatura e outros campos artísticos de uma forma preconceituosa e estereotipada. Assim, esse *corpus* foge de armadilhas marginalizantes e reivindica a representação criada, mostrando uma vivência de acordo com a realidade.

Considera-se negra uma literatura feita por negros ou por descendentes assumidos de negros e, como tal, reveladora de visões de mundo, de ideologias e de modos de realização que, por força de condições atávicas, sociais, e históricas condicionadoras, caracteriza-se por uma certa especificidade, ligada a um intuito claro de singularidade cultural. (PROENÇA FILHO, 2004, p. 185).

Algumas das temáticas que se destacam dentro da literatura afro-brasileira entram em confronto com questões sociais condicionadas, como o trabalho análogo à escravidão e à representação da mulher negra na sociedade. Sabe-se que durante o sistema escravocrata, o corpo negro sofreu inúmeras violências físicas e psicológicas e, apesar de a abolição ter acontecido, descendentes de escravizados são dolorosamente lembrados do passado escravista e da diáspora, já que a exploração no trabalho rural e nas limitações atribuídas em troca de direitos humanos básicos como moradia, educação e alimentação ainda existem, e a maioria dos trabalhadores que vivenciam essa realidade são negros.

A cada cinco trabalhadores resgatados em situação análoga à escravidão entre 2016 e 2018, quatro são negros. Pretos e pardos representam 82% dos 2,4 mil trabalhadores que receberam seguro-desemprego após resgate. Entre os negros resgatados estão principalmente homens (91%), jovens de 15 a 29 anos (40%) e nascidos em estados do Nordeste (46%). O levantamento foi feito pela Repórter Brasil, com base em dados obtidos da Subsecretaria de Inspeção do Trabalho, por meio da Lei de Acesso à Informação. (PENHA, 2019).

A literatura afro-brasileira também respalda a questão da mulher negra na sociedade e se pode observar nela um movimento contrário ao das literaturas canônicas, que muitas vezes apresentam mulheres negras que não possuem protagonismo ou, ainda, têm como descrição sua conduta sexual exposta e servem como objeto de prazer para os homens. A prestigiada escritora negra Conceição Evaristo (2009) cita, como exemplo dessa questão, a personagem Gabriela, de *Gabriela, Cravo e Canela* (1958), de Jorge Amado, que era descrita por sua ingenuidade e sexualidade; além das personagens Bertoleza e Rita Baiana, de *O Cortiço* (1890), de Aluísio de Azevedo, em que uma é descrita como assemelhada a um animal e a outra como uma tentação aos costumes familiares.

A literatura afro-brasileira é voltada para a diversidade cultural, religiosa e linguística brasileira. Logo, pode-se dizer que ela surge com o objetivo de abraçar as variações étnicas e raciais. Duarte (2010), em *Por um Conceito de literatura afro-brasileira*, afirma que existem alguns elementos identitários para essa literatura: **temática, autoria, ponto de vista, linguagem e público.**

Em relação à **temática**, Duarte (2010) aponta que ela é a característica de contemplar o resgate da cultura do povo negro, denunciando a escravidão e buscando a história perdida na diáspora brasileira, incluindo as tradições religiosas e rituais de matriz africana que reforçam a ancestralidade e a existência de uma luta contra o preconceito religioso que assola o país, por exemplo. Outro ponto que é destacado na temática é a busca para introduzir o leitor aos dramas contemporâneos vividos na sociedade ocasionados pela exclusão. Nisso, surgem obras que são ambientadas no subúrbio e que descrevem a vida na favela, na prisão e em ambientes considerados marginalizados.

A **autoria**, por sua vez, surge num cenário de dúvidas em que é necessário levar em consideração aspectos biográficos e fenotípicos do autor, tendo-se um cuidado para que a produção não seja reduzida como uma apropriação cultural ou étnica, possibilidade apontada em casos em que o autor não se enquadre no perfil e na vivência de uma pessoa negra ou afrodescendente (DUARTE, 2010). Duarte (2010) ainda afirma que existe uma vertente já consolidada na literatura afro-brasileira que é a que mistura a escrita e a experiência, usando como base o testemunho para descrever aquilo já vivido. Sobre isso, Evaristo (2011, p. 9) assim observa:

Desafio alguém a relatar fielmente algo que aconteceu. Entre o acontecimento e a narração do fato, alguma coisa se perde e por isso se acrescenta. O real vivido fica comprometido. E, quando se escreve, o comprometimento (ou o não comprometimento) entre o vivido e o escrito aprofunda mais o fosso. Entretanto, afirmo que, ao registrar estas histórias, continuo no premeditado ato de traçar uma *escrevivência*.

Em 1996, quando publica sua dissertação de mestrado, intitulada *Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade*, Evaristo propõe uma palavra para essa literatura que mistura autoria e relatos: **escrevivência**, criando um neologismo com as palavras “escrever” e “viver” e também o “ver”.

Vinha maturando ao longo do tempo. [...] na minha dissertação de mestrado, fiz um jogo de palavras entre escrever, viver, escrever-se vendo e escrever vendo-se e aí surgiu a palavra *escreviver*. Mais tarde comecei a usar a *escrevivência*. (EVARISTO, 2019).

Pode-se dizer que ela presenteou a literatura brasileira com uma definição acadêmica para esse *corpus* literário, envolvendo características autobiográficas. Para Evaristo (2011), a gênese da sua escrita está no acúmulo de tudo o que ouviu desde a infância, colocando em evidência a importância de entender que a literatura é um modo discursivo abrangente e que, muitas vezes, a origem social e étnica do autor é um dos fatores importantes para a história que será contada, por isso, *escrevivência*.

Ainda em relação à autoria, Duarte (2010) aponta sobre a necessidade de se entender que ela não trata da materialidade, algo físico, e sim de uma construção literária discursiva que dá como resultado uma possibilidade de o leitor desenvolver uma análise textual, assumindo de modo consciente que existe ali um compromisso com sua afinidade.

Outro item descrito por Duarte (2010), o **ponto de vista**, que se trata de um viés global que retira o autor ou as personagens do papel que elas normalmente desenvolvem, como uma denúncia ao estereótipo construído carregado de segregação e discurso de exclusão já conhecido desde a escravidão. Ele leva em consideração valores morais e ideológicos que vão contra o discurso do colonizador e “[...] configura-se enquanto discurso da diferença e atua como elo importante dessa cadeia discursiva que irá configurar a afrodescendência na literatura brasileira.” (DUARTE, 2010, p.130).

A **linguagem** é outro elemento importante. Para Duarte (2010), esse elemento se torna visível por meio do discurso existente nas obras, que evidencia ritmos,

entonações, vocabulários e até mesmo uma semântica própria, procurando uma ressignificação em determinados signos e ideologias da língua, exigindo uma reflexão quanto aos aspectos políticos, linguísticos e didáticos. Pensando na linguagem utilizada nas obras afrodescendentes, vale trazer a afirmação de Zilá Bernd, quando diz que essa linguagem traz um discurso afrodescendente que “[...] busca a ruptura com os contratos de fala e escrita ditados pelo mundo branco objetivando a configuração de uma nova ordem simbólica, que expresse a reversão de valores” (BERND, 1987, *apud* DUARTE, 2010, p. 117).

O último elemento proposto por Duarte (2010) para referenciar a literatura afro-brasileira é o **público**, que se trata de quem terá contato com a publicação da obra, quem irá consumir o conteúdo exposto lá. Para o autor, se existe uma literatura afro-brasileira, também deve haver um público voltado para esse gênero. Mesmo que esteja em formação, pode-se dizer que esse público tem um caminho diferente de outras literaturas brasileiras. Trata-se de uma literatura carregada de diferenças culturais e identitárias, que muitas vezes são divulgadas por meio de manifestações culturais e políticas em locais e eventos periféricos, como se o autor ou a autora fosse um porta-voz daquele círculo social. E, muitas vezes, estão acessando um público que não tem o hábito de leitura, muito menos acesso à literatura. (DUARTE, 2010).

Levando-se em conta as considerações acima, pode-se dizer que a literatura afro-brasileira é composta por características particulares que contribuem para a legitimidade de um *corpus* literário brasileiro específico. Por conta disso, torna-se necessário promovê-la como tal, não apenas como uma possibilidade de diversidade, mas como um ato de afirmação, uma forma de combater a discriminação e possibilitar novos vieses identitários, que a afirmem como essa potência literária singular.

2.2 Precusores, consolidadores e a contemporaneidade da literatura afro-brasileira

Segundo Edmilson de Almeida Pereira (1995), uma tradição literária é responsável por apresentar a história da literatura, delineando o percurso percorrido responsável por tornar o passado a referência do futuro. Para o autor, a identidade da

literatura brasileira está ligada a uma tradição fraturada, pois se inspirou na cultura europeia.

Os primeiros autores que pensaram e escreveram sobre o Brasil, possuíam formação européia [...] A marca da nossa identidade literária pode estar no reconhecimento dessa fratura, que nos coloca no intervalo entre a aproximação e o distanciamento das heranças da colonização. (PEREIRA, 1995, p. 1036).

Pereira (1995) também discute sobre o lugar da literatura afro-brasileira quando ligada à literatura brasileira fraturada, afirmando que ela não é um complemento, mas sim “[...] um momento de afirmação da especificidade afro-brasileira (em termos étnicos, psicológicos, históricos e sociais) que se encaminha para uma inserção no conjunto da Literatura Brasileira.” (PEREIRA, 1995, p. 1036).

A literatura afro-brasileira busca uma visão de mundo diferente, específica dos afro-brasileiros, auxiliando na compreensão de denunciar as opressões sociais existentes e de divulgar a cultura afro-brasileira como “*uma nova sensibilidade*” (PEREIRA, 1995, p. 1036). Buscando algumas referências de autores que fazem parte dessa dinâmica, Duarte (2010) cita alguns nomes que são considerados precursores da literatura afro-brasileira, tais como: Domingos Caldas Barbosa (1738-1800), Manuel Inácio Da Silva Alvarenga (1749-1814), Maria Firmina dos Reis (1822-1917), Antônio Gonçalves Dias (1823-1864), Luiz Gonzaga Pinto da Gama (1830-1882), Joaquim Maria Machado de Assis (1839-1908), José do Patrocínio (1853-1905), João da Cruz e Sousa (1861-1898), Auta de Souza (1876-1091), Afonso Henrique de Lima Barreto (1891-1922) e Carolina Maria de Jesus (1914-1977).

Dentro dos precursores, é possível encontrar destaques como Luiz Gama (1830-1882), que assumiu sua afrodescendência na obra *Trovas Burlescas de Getulino*, ou Maria Firmina dos Reis (1822-1917), autora do romance *Úrsula*. Obras que são símbolos da luta lenta e dolorosa para conseguir fazer uma literatura de qualidade e de reconhecimento, uma luta que se desenvolveu ao longo dos séculos e que precisou alcançar o fim da escravidão, o direito à cidadania e a aquisição do letramento.

Mesmo com essas incursões de autoras e autores negros, pode-se afirmar que a literatura brasileira traz resquícios da escravidão, carregada de racismo, que contribuem para algumas intolerâncias raciais, como por exemplo, a omissão de autores negros em obras críticas e historiográficas que falam sobre a literatura

brasileira, ou o embranquecimento de autores negros como Machado de Assis, que por muitos anos teve no imaginário popular a descrição de um homem branco.

Nesse sentido, é bem conhecida a discriminação racial sofrida por Machado de Assis em seu próprio país: não foram poucos os críticos que - posto reconhecerem nele a mais alta expressão brasileira do homem de letras - o estigmatizaram como o bem-sucedido "mulato da sub-raça americana". (SCARPELLI, 2008, p.58, grifos da autora).

Conhecido por ser uma das referências no que diz respeito à literatura clássica brasileira, Joaquim Maria Machado de Assis publicou quatro livros de poesia, dez romances, além de inúmeros poemas, peças teatrais, contos e crônicas jornalísticas, o que explica sua notoriedade a ponto de ser um dos principais responsáveis pela fundação da Academia Brasileira de Letras em 1897, na qual permaneceu como presidente até o dia de sua morte. Porém, não foi o suficiente para que o protegesse de sofrer discriminação racial por meio de críticas infundadas que eram justificadas com o "[...] melancólico e envergonhado caráter mulato de Machado" (SCARPELLI, 2008, p. 59).

Além disso, também é possível fazer uma análise em torno das personagens negras que tiveram destaque ao longo dos anos na literatura brasileira clássica. Evaristo (2009, p. 22) aponta que muito das personagens que fazem parte da literatura canônica brasileira tem "[...] um imaginário construído em que o sujeito negro surge destituído do dom da linguagem", como se não fossem capazes de se comunicar de uma forma correta, quase como se fossem personagens mudas. Um exemplo disso são os livros *O guarani* (1857) e *Iracema* (1865), de José de Alencar, que são consideradas clássicos da ficção brasileira e que retratam uma fantasia quanto à identidade dos mestiços brasileiros, imaginando um contato entre os portugueses e indígenas que, para a época, não era comum, além de excluir os negros, já que se tratavam apenas de escravizados, impossíveis de serem idealizados (EVARISTO, 2009).

Esses autores, apesar dessa fratura literária, exercem o ofício das letras, mesmo em um contexto socioeconômico e interracial adverso que seguia as tradições retórico-discursivas da Europa.

Desde o período colonial, o trabalho dos afro-brasileiros se faz presente em praticamente todos os campos da atividade artística, mas nem sempre obtendo o reconhecimento devido. No caso da literatura, essa produção

sofre, ao longo do tempo, impedimentos vários à sua divulgação, a começar pela própria materialização em livro. Quando não ficou inédita ou se perdeu nas prateleiras dos arquivos, circulou muitas vezes de forma restrita, em pequenas edições ou suportes alternativos. Em outros casos, existe o apagamento deliberado dos vínculos autorais e, mesmo, textuais, com a etnicidade africana ou com os modos e condições de existência dos afro-brasileiros, em função do processo de miscigenação branqueadora que perpassa a trajetória desta população. (DUARTE, 2005, p. 47).

Duarte (2005) aponta a escassez de pesquisadores nacionais que estudam sobre o negro na literatura brasileira, afirmando que, por um bom tempo, eram pautas apenas de pesquisadores estrangeiros, tais como Roger Bastide que, em 1943, escreve *A poesia afro-brasileira* e, em 1953, publica *Estudos afro-brasileiros*, com elementos e reflexões em torno da literatura afro-brasileira no Brasil e suas configurações. Bastide buscou, com esses estudos, falar sobre o assunto, trazendo elementos de uma africanidade ou afro-brasilidade, o que o tornou, segundo Duarte (2005), por um bom tempo, uma voz isolada no meio acadêmico.

Durante as próximas décadas, surgem outros trabalhos relevantes que contribuem para a pesquisa sobre literatura afro-brasileira, mas que, de uma forma diferente, buscam definições acerca do negro na literatura brasileira na condição de tema e não enquanto voz autoral, como, por exemplo, pesquisas de Raymond Sayers (1958, 1983) e Gregory Rabassa (1965), Teófilo de Queiroz Júnior (1975), Benedita Gouveia Damasceno (1988), Heloisa Toller Gomes (1998) e Domício Proença Filho (1988).

Em 1978, o movimento negro se torna mais forte em São Paulo, graças a atos políticos contra o racismo e contra a repressão instaurada pela ditadura militar. Com a ajuda de Abdias Nascimento, um dos autores de destaque na literatura afro-brasileira e ativista dos direitos civis e humanos das populações negras brasileiras, foi criado o Movimento Negro Unificado Contra a Discriminação Racial, que tinha como uma das pautas principais a divulgação de vozes afrodescendentes na literatura brasileira.

Nesse momento, surgiram também diversos coletivos negros, tais como Negrícia, Palmares, Gens, Quilombhoje, dentre outros. Esses coletivos, segundo Duarte (2010), tinham como um dos principais objetivos o de estimular a produção literária periférica. Um dos principais exemplos dessa produção são os *Cadernos Negros* – produção do coletivo Quilombhoje –, que foi um dos pioneiros na arte de visibilizar a literatura de autores afrodescendentes e produções literárias periféricas (contos e poemas). A primeira publicação surgiu em 1978, com o intuito de divulgar

escritas de pessoas que buscavam compartilhar experiências e visão de mundo do povo negro (DUARTE, 2010). É, até hoje, uma fonte rica de cultura e de pensamentos afro-brasileiros. Até a atualidade foram lançadas 44 edições, sendo a mais recente a publicada em setembro de 2022, de contos.

Com o fortalecimento do Movimento Negro, a partir do ano 2000, cresce o interesse pela literatura afro-brasileira e, como consequência, aumenta a produção de textos que buscam reflexões de cunho crítico nos estudos literários afro-brasileiros (DUARTE, 2010). Aparecem, então, importantes nomes tais como: Oswaldo de Camargo, Luiza Lobo, Leda Maria Martins, Maria Nazareth Soares Fonseca, Niyi Afolabi, Márcio Barbosa, Esmeralda Ribeiro, Edmilson Almeida Pereira, Florentina da Silva Souza, Jonatas Conceição da Silva, Miriam Alves, Cuti, dentre outras e outros. Além desses autores, podem se encontrar inúmeras dissertações e teses acadêmicas, artigos e ensaios publicados, que circulam no meio acadêmico e que falam sobre literatura afro-brasileira. Como é possível observar, demorou anos para que a literatura afro-brasileira obtivesse um histórico de estudo crítico espesso e numeroso.

Em relação à contemporaneidade da literatura afro-brasileira, é importante iniciar a discussão a partir da lei 10.639/2003, que alterou as diretrizes da educação e incluiu a obrigatoriedade do ensino de história e cultura afro-brasileira na grade curricular do Ensino Fundamental e Médio, por meio das disciplinas de História, Língua Portuguesa, Literatura e Educação Artística. Além disso, a lei também instituiu a data de 20 de novembro como o Dia Nacional da Consciência Negra, no calendário escolar. (BRASIL, 2003). Além disso, essa lei tem como objetivo valorizar as relações étnicas-raciais como uma forma de reparar o processo de apagamento histórico de símbolos e referências da cultura afro-brasileira, já que o sistema educacional é extremamente relevante para construção de novas perspectivas, incluindo a construção de uma identidade sem estereótipos e discriminação racial.

Em 2004, o Ministério da Educação disponibilizou as Diretrizes Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, documento que possui orientações sobre a necessidade de políticas de reparações e direcionamento para que os professores abordem o assunto de forma adequada ao tema, levando em consideração a consciência política e histórica do movimento negro e que possam resultar em ações educativas de combate ao racismo.

O parecer procura oferecer uma resposta, entre outras, na área da educação, à demanda da população afrodescendente, no sentido de políticas de ações afirmativas, isto é, de políticas de reparações, e de reconhecimento e valorização de sua história, cultura, identidade. Trata, ele, de política curricular, fundada em dimensões históricas, sociais, antropológicas oriundas da realidade brasileira, e busca combater o racismo e as discriminações que atingem particularmente os negros. (BRASIL, 2004).

A lei 10.639/03 contribuiu, também, para o crescimento do interesse pela literatura afrodescendente nos anos 2000 e, conseqüentemente, surgiu a necessidade de se revisar a crítica existente em torno da literatura brasileira e dos paradigmas criados a partir das ciências humanas, já que houve mudanças quanto à percepção do negro na sociedade, com reflexos significativos no meio literário e, conseqüentemente, nos estudos em torno dessa arte.

Aos poucos, a literatura nacional se vê obrigada a abrir um espaço de inserção e de discussão do produto desta manifestação literária, fruto de anos de persistência, lutando entre a visibilidade e o menosprezo dos cânones da literatura. (ALVES, 2010, p. 56).

Pode-se dizer que a literatura afro-brasileira está na fase em que o autor consegue ocupar um espaço nesse cenário literário, tendo a oportunidade de eclodir e criar novas ramificações literárias, que valorize a identidade negra e estimule a aceitação desses novos temas que estão surgindo, fazendo dessa vertente uma resistência cultural. O negro alcançou o direito de escrever sobre si, sobre tradições culturais e sociais de seu povo, afirmando sua identidade por meio desse *corpus* literário, que está passando por um momento de consolidação acadêmica, tanto no campo de produções literárias quanto na prosa, poesia e críticas.

Quanto à movimentação dessa literatura, que se apresenta como um conceito ainda em construção, pode-se dizer, como bem afirma a professora e pesquisadora da Universidade de Brasília, Regina Dalcastagnè (2012), que ela ainda está em busca de um espaço que possa viabilizar o poder de fala, legitimando vozes marginalizadas, visto que se trata de uma nova perspectiva em um terreno que é homogêneo. Na sua pesquisa intitulada *Um território contestado: literatura brasileira contemporânea e as novas vozes sociais*, ela afirma que a literatura brasileira contemporânea é um território contestado, ou seja, ainda peca quando se trata de incluir diferentes grupos marginalizados na literatura.

Desde os tempos em que era entendida como instrumento de afirmação da identidade nacional até agora, quando diferentes grupos sociais procuram se apropriar de seus recursos, a literatura brasileira é um território contestado. Muito além de estilos ou escolhas repertoriais, o que está em jogo é a possibilidade de dizer sobre si e sobre o mundo, de se fazer visível dentro dele. (DALCASTAGNÉ, 2012, p. 13).

Para a autora, isso justifica o desconforto que o cânone literário apresenta ao abraçar a literatura afro-brasileira, já que se trata de novas perspectivas e abordagens para se pensar a literatura brasileira, indo contra o espaço fomentado e frequentado por personagens que "[...] são parecidos entre si, como pertencem a uma mesma classe social, quando não tem as mesmas profissões, vivem nas mesmas cidades, tem a mesma cor, o mesmo sexo [...]". (DALCASTAGNÉ, 2012, p. 14).

A pesquisa, realizada pela professora e pesquisadora, apontou que mais de 72,7% dos romances publicados pelas principais editoras brasileiras são de autoria masculina e mais de 90% desses homens eram brancos.

[...] de todos os romances publicados pelas principais editoras brasileiras, em um período de 15 anos (de 1990 a 2004), 120 em 165 autores eram homens, ou seja, 72,7%. Mais gritante ainda é a homogeneidade racial: 93,9% dos autores são brancos. Mais de 60% deles vivem no Rio de Janeiro e em São Paulo. Quase todos estão em profissões que abarcam espaços já privilegiados de produção de discurso: os meios jornalístico e acadêmico. (DALCASTAGNÉ, 2012, p. 14).

Ou seja, a literatura afro-brasileira contemporânea se contrapõe indiretamente a essas representações sociais que fazem parte da tradição literária enquanto legitimam sua voz e fomentam um espaço contemporâneo inclusivo. Mesmo com esses estudos, seu debate em torno da temática e mapeamento apresenta dificuldades para tecer uma análise nítida e fixa, já que, conforme Andrade (2018), por estar sendo construída no “agora”, ocorrem contínuas mutações e movimentos.

Em face do apontamento feito ao longo do tópico, pode-se concluir que a trajetória da literatura afro-brasileira traz consigo autores que tiveram o percurso carregado de obstáculos provocados por preconceitos raciais e de classe. Além disso, as pesquisas existentes, no que se refere aos precursores, consolidadores e contemporaneidade da literatura afro-brasileira, são conteúdos recentes e ainda estão formando um espaço definitivo e seguro, em que possam ter a liberdade de criação e publicação.

2.3 Discussões acerca do tema

Uma das discussões levantadas em torno da literatura afro-brasileira é a recepção crítica quanto à existência desse *corpus* literário. Como se trata de um movimento que demanda novas características ligadas a círculos sociais e culturais, acaba por não ser bem-recebida pelo cânone cultural hegemônico, já que altera métodos e processos teóricos-críticos já instaurados nos clássicos ou na literatura brasileira de modo geral, motivada pela emergência de novos sujeitos sociais, conforme aponta Duarte (2005, p. 1, grifo do autor):

A inexistência de uma recepção crítica volumosa e atualizada, bem como de debates regulares nos fóruns específicos da área de Letras, decorre desses fatores e também da ausência da disciplina "Literatura Afro-brasileira" nos currículos de graduação e pós-graduação da maioria dos cursos de Letras instalados no Brasil. Como consequência, mantém-se intacta a cortina de silêncio que leva ao desconhecimento público e vítima a maior parte dos escritores em questão.

Em relação a essa divergência de entendimento, Evaristo (2009) afirma que se deve ter cuidado ao negar a existência de uma literatura experimentada e vivenciada por pessoas negras, já que se está colocando em prova a voz enunciada no texto. Ela afirma, ainda, não só a existência de uma literatura afro-brasileira, mas também a presença de uma vertente negra feminina.

E por falar em Conceição Evaristo, é importante apontar uma recente polêmica envolvendo a ocupação de uma cadeira na Academia Brasileira de Letras (ABL), pois é um dos fatos que põe em prova o pensamento de que não ocorre uma introdução de minorias nos espaços literários canônicos elitizados. Em 2018, foi feita uma grande campanha para a candidatura da autora Conceição Evaristo para ocupar a cadeira número sete na ABL e mesmo sendo uma autora reconhecida não apenas pela afrodescendência, mas também por sua estética literária, não foi selecionada, obtendo apenas um voto. O que faz questionar se sua origem humilde e sua cor/raça não teve um peso quanto à aceitação, já que seria a primeira mulher negra a integrar a ABL, que é formada, na sua maioria, por homens e brancos. Acontecimentos como esse servem até como uma denúncia contra a relação de poder hierárquico existente na atualidade, corroborando com a ideia de que as autoridades investem em ações e relações de acordo com interesses elitistas, enquanto escritores negros e periféricos

se articulam de forma autônoma para a divulgação de suas obras e reconhecimento artístico.

Outra discussão acerca da literatura afro-brasileira, já trazida na seção anterior, é a lei 10.639/03 que, apesar de ter sido implementada, apresenta desafios trazidos por essa atualização curricular, visto que é possível encontrar dificuldades na sua efetivação. Luiz Carlos Paixão da Rocha (2009), em artigo intitulado *Lei 10639/03: desafios e perspectivas para a implementação dos conteúdos afro-brasileiros nas escolas*, realiza uma pesquisa em um colégio estadual de Curitiba - Paraná, com o objetivo de buscar uma justificativa para a dificuldade de se efetivar a Lei. Uma das conclusões a que o estudo chegou é o grande conflito pessoal e ideológico, negando convicções pré-estabelecidas em torno de conceitos didáticos estabelecidos à abordagem tradicional utilizada para referenciar a história do negro no Brasil.

[...] Estas dificuldades têm sido apontadas em quase todos os debates sobre o tema que o autor desse artigo tem participado. No entanto, em que pese a concretude das razões apontadas acima, o entendimento presente nesse artigo é de que, uma das principais dificuldades a ser superada para a efetivação da Lei 10639/03 é o fato de as construções ideológicas sustentadoras do racismo brasileiro estarem presentes, ainda hoje, nos educadores, nos gestores educacionais, e no conjunto da sociedade brasileira. Estas, criadas no passado para a justificação da escravização de africanos e para a naturalização das desigualdades, trazem reflexos muito fortes para a cultura da escola. Este dado parece ser fundamental para qualquer propositura que tenha como objetivo fazer com que a escola possa ser um espaço privilegiado para o enfrentamento ao preconceito, ao racismo e às desigualdades sociais e raciais presentes em nosso país. Nesse sentido, a efetivação da nova legislação precisa ter como horizonte um enfrentamento contraideológico. (ROCHA, 2009, p. 49-50).

Percebe-se a importância de mais análises em torno dessa implementação, não somente para expor seus aspectos impositivos, mas para acrescentar nos estudos e práticas educacionais significativos para a história da população negra brasileira, buscando uma implementação eficaz da lei.

Além disso, há também o problema relacionado à legitimação de escritores contemporâneos, bem como de pesquisadores e estudiosos da literatura brasileira contemporânea, principalmente porque ao se destoarem e "fazerem o novo", estão indo contra a idealização canônica e, segundo Dalcastagnè (2012), a partir do momento que esse grupo é acolhido, coloca em risco a credibilidade de quem o acolheu perante aos olhos de críticos que possuem uma opinião diferente daquela construída por quem acolhe esse grupo.

Em suma, para acolhermos um autor/autora dissonante, temos de fazer um investimento – o que tem seus custos. É um investimento simbólico diante de nossos pares, ou seja, outros pesquisadores reconhecidos, que podem discordar radicalmente de nossa valoração dessa obra, e por isso nos enquadrar em nichos menos valorizados dentro da academia (em vez de estudiosos literários, passamos a ser vistos como “aquelas feministas”, “aquele pessoal dos estudos culturais”, “aquele grupo que faz sociologia da literatura”. (DALCASTAGNÈ, 2012, p. 15, grifos da autora).

Para exemplificar esse pensamento, Dalcastagnè (2012) apresenta, como exemplo, a escritora Conceição Evaristo, que precisou estar legitimada enquanto objeto de estudo no campo literário, para que pudesse, enfim, ter um espaço reconhecido no meio acadêmico.

Ao estudar um escritor (ou uma escritora) nessa situação – uma Conceição Evaristo no início de carreira, por exemplo, mulher, negra, pobre, moradora da periferia de Belo Horizonte, ex-empregada doméstica – precisamos transferir para sua obra nossa própria legitimidade como estudiosos. Sem isso, não conseguimos trazê-la para dentro do universo acadêmico, e se ela não estiver legitimada enquanto objeto de estudo, um mestrando, por exemplo, não terá como incluí-la em sua dissertação. (DALCASTAGNÈ, 2012, p. 15).

Verifica-se, assim, a necessidade de se entender as novas ramificações literárias brasileiras, tencionando o conhecimento sobre a literatura afro-brasileira e incluindo vozes que se encontram nas margens, refletindo sobre a hierarquização social existente e buscando discussões em torno desse campo literário, uma vez que a cultura negra é um dos pilares históricos responsáveis por construir a identidade brasileira.

3 NARRADORAS MULHERES: A FORÇA DA DORORIDADE

Neste capítulo, discute-se a importância da memória individual e coletiva como meio de transmissão da ancestralidade afro-brasileira na literatura, utilizando como referência textos de Ecléa Bosi (2007), Florentina Souza (2007), Fernanda Rodrigues Figueiredo (2009) e Maria Nazareth Soares Fonseca (2005). Também, apresentam-se conceitos e discussões acerca da sororidade e da Dororidade, pois ambas são pontos centrais do movimento feminista e estão presentes em narrativas femininas. Para isso, são utilizados estudos de Simone Beauvoir (1980), Angela Davis (2016), Vilma Piedade (2017), Sueli Carneiro (2018) e Djamila Ribeiro (2018).

3.1 A memória como peça fundamental de uma identidade

A memória é um dos elementos mais importantes na construção de uma identidade nacional, pois age até mesmo como um objeto de poder, principalmente quando se fala de uma memória coletiva.

[...] Do mesmo modo, a memória coletiva foi posta em jogo de forma importante na luta das forças sociais pelo poder. Tornar-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos, que dominaram e dominam as sociedades históricas. Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores destes mecanismos de manipulação da memória coletiva. (LE GOFF, 1992, p. 422).

Ecléa Bosi (2007, p. 46-47), no seu livro *Memória e Sociedade*, afirma que a memória tem uma função decisiva no processo psicológico total, pois ela “[...] permite a relação corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo, interfere no processo atual das representações.” Então, pode-se afirmar que a memória se torna uma percepção subjetiva que influencia o conhecimento sobre o presente.

Figueiredo (2009) aponta que a memória tem uma importância significativa para os grupos sociais e étnicos, principalmente para os descendentes afro-brasileiros, que foram marcados pela oralidade, e trata-se, portanto, de uma fonte valiosa de identidade, demonstrando respeito à memória e perpetuando a ancestralidade. O presente se alimenta do passado e constrói um futuro diferente da realidade manchada pela segregação da comunidade negra.

[...] os africanos e afrodescendentes costuraram e teceram identidades e a partir da memória, reorganizaram suas vidas desenhando novas configurações culturais advindas da sua situação em terras estrangeiras. Enfaticamente, no campo da música, da dança e da religiosidade, as tradições culturais permaneceram como espaços privilegiados de memória e de recriação. (SOUZA, 2007, p. 31).

Fonseca (2005), em seu artigo, *Percursos da memória em textos das literaturas africanas de língua portuguesa*, afirma que existem "lugares de memória" responsáveis por buscar, conservar e estudar objetos de valor artístico, histórico e cultural e que são expostos por acervos, museus e coleções históricas no geral, pois é "[...] onde se cristaliza e se refugia a memória". (FONSECA, 2005, p. 46 *apud* NORA, 1984, p. 23). Porém, é interessante frisar que esses lugares de memória são permeáveis, pois podem produzir novos sentidos para o que está exposto, como por exemplo, ocorrer alterações para agradar quem está visitando e já que a sociedade está à mercê do consumismo e da tendência, "[...] qualquer exposição pode se transformar em um grande espetáculo". (FONSECA, 2005, p. 46).

Ainda, Fonseca (2005) coloca as produções literárias como um meio de encontrar tradições passadas para serem expostas nos "lugares de memória".

Nesse sentido, registrar e arquivar o passado ou retomar os seus vestígios como motivação para a construção literária torna-se um procedimento indispensável para se formarem depósitos de recordações com a utilização de outros suportes que se fazem à revelia de museus, arquivos e exposições. (FONSECA, 2005, p. 48).

Nesse sentido, a literatura afro-brasileira apresenta a memória como uma forma de sobrevivência do passado, principalmente no que diz respeito à recuperação do que foi perdido na diáspora, uma chance de reconstruir a identidade cultural construída antes de os africanos atravessarem o Atlântico, possibilitando "[...] apropriações do passado como marcas de um passado a ser evocado para constituição de um repertório de resistência e de identidade." (SOUZA, 2007, p. 31).

Evaristo (2008), em seu poema *Vozes mulheres*, ilustra essa importância da memória como um elemento significativo de "resgate" na literatura afro-brasileira.

A voz de minha bisavó
ecoou criança
nos porões do navio.
Ecoou lamentos
de uma infância perdida.

A voz de minha avó
ecoou obediência
aos brancos-donos de tudo.

A voz de minha mãe
ecoou baixinho revolta
no fundo das cozinhas alheias
debaixo das trouxas
roupagens sujas dos brancos
pelo caminho empoeirado
rumo à favela.

A minha voz ainda
ecoa versos perplexos
com rimas de sangue
e
fome.

A voz de minha filha
recolhe todas as nossas vozes
recolhe em si
as vozes mudas caladas
engasgadas nas gargantas.

A voz de minha filha
recolhe em si
a fala e o ato.
O ontem – o hoje – o agora.
Na voz de minha filha
se fará ouvir a ressonância
O eco da vida-liberdade.(EVARISTO, 2008, p. 10-11).

No poema, observa-se que o eu lírico é uma pessoa do presente, que relembra a luta de sua bisavó, da sua avó, da sua mãe, dela mesma e da filha, esperando que esta voz trará a liberdade que as outras gerações tanto buscaram. A memória coletiva é a ferramenta principal do poema, pois, caso não existisse, não seria possível clamar pela manutenção social que o eu-lírico deseja.

Diante do exposto, pode-se notar a importância da memória na sociedade, não somente como uma lembrança, mas como uma forma de resistência, capaz de fortalecer a herança cultural de um povo, revisitando a realidade atual e os costumes dos antepassados, ao mesmo tempo que alimenta as gerações futuras, deixando uma memória ativa que possibilite a recriação de performances culturais e sociais ancestrais.

3.2 Irmandade entre as mulheres – a sororidade e a Dororidade

Como sujeitos que ocupam papéis importantes na sociedade, as mulheres estão diretamente ligadas na organização social e, muitas vezes, desenvolvem seu papel e ações comportamentais baseados em estereótipos femininos pré-estabelecidos. De acordo com Simone de Beauvoir (1980), por muitos anos a existência da mulher foi limitada e conceituada a partir do determinismo biológico, base cultural que evidencia até hoje análises interpretativas e intervenções contra preconceitos e estigmas envolvendo a mulher.

É muito simples, dizem os amadores de fórmulas simples: é uma matriz, um ovário; é uma fêmea, e esta palavra basta para defini-la. Na boca do A mulher? É muito simples, dizem os amadores de fórmulas simples: é uma matriz, um ovário; é uma fêmea, e esta palavra basta para defini-la. Na boca do homem o epíteto "fêmea" soa como um insulto; no entanto, ele não se envergonha de sua animalidade, sente-se, ao contrário, orgulhoso se dele dizem: "É um macho!" O termo "fêmea" é pejorativo, não porque enraíze a mulher na natureza, mas porque a confina no seu sexo. (BEAUVOIR, 1980, p. 25, grifos da autora).

A luta das mulheres pelo direito à educação, ao voto, divórcio entre tantas outras reivindicações de liberdade iniciaram no século XVIII, a partir do que ficou conhecido como "a primeira onda do feminismo", movimento que tinha como finalidade garantir os direitos igualitários. No entanto, as mulheres associadas a essa onda geralmente eram brancas, de classe média alta, que respondiam e se rebelavam contra a supremacia masculina. Enquanto essa parcela feminina buscava a quebra do patriarcado, algumas mulheres negras também manifestaram seu apoio à liberdade e à igualdade, mas de uma forma menos direta, pois existiam duas categorias para representar: as mulheres escravas e as mulheres livres.

Angela Davis (2016), no livro *Mulheres, raça e classe*, para exemplificar essa luta, conta a história de SojournerTruth, abolicionista afro-americana, que defendia os direitos civis e políticos feministas e antirracista, única mulher negra que participou da convenção de Akron, Ohio, em 1851. Truth lembrava a todo momento que, apesar de ser negra, ainda era uma mulher.

Ao representar suas irmãs negras – tanto as escravas como as “livres” –, ela transmitia um espírito de luta à campanha pelos direitos das mulheres. Essa foi a excepcional contribuição histórica de SojournerTruth. E, caso as mulheres brancas tendessem a esquecer que as mulheres negras não eram

menos mulheres do que elas, sua presença e seus discursos serviam como um lembrete constante. As mulheres negras também obteriam seus direitos. (DAVIS, 2016, p. 75, grifo da autora).

As desigualdades sociais são resultados históricos de hierarquização de gênero e raça, que levam em consideração a classe social que o indivíduo está inserido. As bases materiais do preconceito e discriminação racial delimitam aqueles que se beneficiam com essa vertente de pensamento. A partir de uma interpretação marxista, Lélia Gonzalez e Carlos Hasenbalg (1982), no livro *Lugar de negro*, declaram que a exploração e o preconceito racial são mecanismos de manutenção de classe. “Racismo, preconceito e discriminação raciais são subprodutos necessários do desenvolvimento capitalista, implementados e manipulados pela classe dominante com os objetivos de manter uma força de trabalho explorável” (GONZALEZ; HASENBALG, 1982, p. 76).

A desumanização também se encontra presente no cotidiano negro feminino e em vários momentos nos quais as mulheres negras sofrem por conta da discriminação, tanto no meio social quanto no profissional, como por exemplo, a solidão romântica, violência obstétrica, mortalidade materna e condições precárias de trabalho (PIEADADE, 2017, p. 46). Segundo o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), com dados das famílias chefiadas por mulheres, segundo cor/raça da chefe de família e localização do domicílio, verifica-se que de 1995 a 2015 houve um aumento de 11.512.192 milhões de casos de mães negras que chefiam a família sem o auxílio de um cônjuge (BRASIL, 2009). Dado esse que, para Sueli Carneiro (2018), é uma asfixia social:

A mulher negra é a síntese de suas opressões, de duas contradições essenciais: a opressão de gênero e a da raça. Isso resulta no tipo mais perverso de confinamento. Se a questão da mulher avança, o racismo vem e barra as negras. Se o racismo é burlado, geralmente quem se beneficia é o homem negro. Ser mulher negra é experimentar essa condição de asfixia social. (CARNEIRO, 2018, contracapa).

A busca por uma justificativa para essa diferença de tratamento entre as mulheres faz com que Carneiro (2011) afirme que, quando colocadas em análise, as mulheres negras fazem parte de um “contingente de mulheres” enquanto as mulheres brancas são o modelo estético a ser seguido pela sociedade. Para ilustrar tal afirmação, é válido trazer o comentário de Evaristo, para o jornal *CartaCapital*, em que

fala sobre a diferença gritante no que diz respeito ao privilégio do feminismo branco quando colocado ao lado do feminismo negro.

As feministas brancas usam uma máxima quando elas falam que escrever é um ato político. Para nós mulheres negras, escrever e publicar é um ato político [...] eu tenho dito para as mulheres negras que a gente precisa encontrar formas coletivas de publicar. Publicar é um ato político para nós e precisamos jogar isso na cara de quem está aí para confrontar. (EVARISTO, 2017).

Surge, então, um problema: a percepção de que o movimento feminista foi criado para mulheres brancas, ocidentais e de classe média e alta, em que projetos não englobam os diferentes tipos de mulheres e suas especificidades étnicas, culturais e sociais. Mas, se o feminismo não é o suficiente, como protagonizar essa parcela de mulheres? Existe uma filosofia que respalde o feminismo e o antirracismo? A resposta vem com as palavras de Djamila Ribeiro: sim, o feminismo negro, que, para a autora “[...] não é uma luta meramente identitária, até porque branquitude e masculinidade também são identidades. Pensar feminismos negros é pensar projetos democráticos”. (RIBEIRO, 2018, p. 7).

Essa necessidade de pensar em novas ramificações do feminismo provoca discussões inclusivas e repensa alguns conceitos já discutidos, como por exemplo, o termo sororidade, que tem ganhado muito destaque atualmente. O termo se tornou parte do discurso feminismo contemporâneo e, ao se buscar uma definição, valem aqui as palavras de Dandara Tinoco (2016, p. 21), que afirma que “Sororidade se refere a uma espécie de pacto entre mulheres relacionado às dimensões ética, política e prática do feminismo contemporâneo, ou, simplesmente, uma aliança baseada na empatia e no companheirismo.”

Entende-se, então, a sororidade como ferramenta política, com a finalidade de propor a união feminina e como uma forma de expressar um sentimento advindo de uma perspectiva histórica, que produz práticas sociais voltadas a mulheres apoiarem outras mulheres, como uma forma de irmandade.

Nesse caso, acredita-se que a sororidade é uma resposta moral diante da sociedade patriarcal, tornando possível a tomada de consciência sobre as tentativas do patriarcado de estabelecer desunião entre as mulheres. O sentimento de sororidade, portanto, impulsionaria as mulheres para conduzirem, juntas, um movimento político de transformação das estruturas sociais. (SANTOS, 2020).

O termo está ancorado na necessidade de fortalecer as relações pessoais, sociais e políticas das mulheres, como uma forma de combater o patriarcado e ocupar um espaço de respeito e diversidade. Entretanto, segundo Vilma Piedade (2017, p. 17), quando o conceito de sororidade é colocado em prova, pode não haver essa irmandade de forma igualitária: “Sororidade une, irmana, mas não basta para nós - Mulheres pretas, jovens pretas. Eu falo de um lugar marcado pela ausência. Pelo silêncio histórico. Pelo não lugar. Pela invisibilidade do não ser, sendo.” Quando isso ocorre, é necessário um novo conceito, que é então criado por Piedade (2017), o de Dororidade, que é uma nova filosofia do feminismo negro que surgiu com a necessidade atual de se criar um termo que vá ao encontro da sororidade, mas que inclua as mulheres negras como peças centrais de acolhimento, unindo todas elas a partir da dor de sobreviver em uma sociedade patriarcal e racista.

Em livro homônimo ao termo, Piedade discute o significado da palavra e busca as possíveis causas e consequências de sua existência. Ela afirma que o principal motivo para se criar o termo veio da necessidade de se pensar em novas formas de sociabilidade, com o objetivo de formar novas bases sociais, pois o conceito de sororidade não é mais suficiente para amparar as mulheres negras.

Quando eu argumentei que Dororidade carrega, no seu significado, a Dor provocada em todas as Mulheres pelo Machismo, destaquei que quando se trata de Nós, Mulheres Pretas, têm um agravo nessa Dor, agravo provocado pelo Racismo. Racismo que vem da criação Branca para manutenção de Poder... E o Machismo é Racista. Aí entra a Raça. E entra Gênero. Entra Classe. Sai a Sororidade e entra a Dororidade. (PIEADADE, 2019, p. 46).

A Dororidade se estabelece na vivência das mulheres negras, unindo-as para a construção de um feminismo inclusivo e democrático; dialogando sobre a ausência de mulheres negras no poder e com a porcentagem alta de mulheres negras com baixa escolaridade; combatendo a ideologia racista de que mulheres negras estão na sociedade para servir.

No imaginário social está arraigada a ideia de que nós negros devemos ocupar somente funções de baixa remuneração e que exigem pouca escolaridade. Quando se trata das mulheres negras, espera-se que o nosso lugar seja o da empregada doméstica, da faxineira, dos serviços gerais, da babá, da catadora de papel. (TOLETINO, 2017).

Portanto, a Dororidade é uma das ferramentas criadas para auxiliar o desmonte dessa configuração social, buscando caminhos que assegurem uma vivência mais

humanizada, abraçando aquelas que são prejudicadas pela falta de mobilidade causada pelo racismo e machismo. Assim, é muito importante reconhecer esse diálogo entre coletivos acontecendo, pois pode-se crer, então, em uma sociedade mais justa e empática, que busca a inserção de raça, classe e gênero.

3.3 Discussões acerca da literatura afro-brasileira feminina

Pode-se imaginar que na literatura brasileira o estereótipo de corpo-objeto utilizado para definir as mulheres negras não é muito diferente da exposta na seção anterior, com características racistas e misóginas. A tradição literária brasileira, por muitos anos, tratou de colocar essas mulheres como figuras femininas eróticas e serviçais.

A representação literária da mulher negra, ainda ancorada nas imagens de seu passado escravo, de corpo-procriação e/ou corpo-objeto de prazer do macho senhor, não desenha para ela a imagem de mulher-mãe, perfil desenhado para as mulheres brancas em geral. (EVARISTO, 2005, p. 52)

Ao tentar entender essa falta de pluralidade e essas representações controversas nos romances brasileiros, Dalcastagnè (2005) fala sobre as perspectivas sociais que compõem a literatura brasileira, mais precisamente sobre o desaparecimento de grupos sociais marginalizados nas narrativas brasileiras, afirmando que existem “*representações de linguagens*” (DALCASTAGNÈ, 2005, p. 16), responsáveis por reconhecer identidades múltiplas nos romances brasileiros, resultados de pesquisas e estudos literários que refletem sobre pontos políticos e sociais. A partir disso, entende-se que tais representações ou a falta delas, são um ato político e o lugar de fala se torna essencial para controlar o discurso. Surge então, a necessidade de promover o direito de fala para aqueles que não fazem parte do padrão social pré-estabelecido.

O que se coloca hoje não é mais simplesmente o fato de que a literatura fornece determinadas representações da realidade, mas sim que essas representações não são representativas do conjunto das perspectivas sociais. O problema da representatividade, portanto, não se resume à honestidade na busca pelo olhar do outro ou ao respeito por suas peculiaridades. Está em questão a diversidade de percepções do mundo, que

depende do acesso à voz e não é suprida pela boa vontade daqueles que monopolizam os lugares de fala. (DALCASTAGNÉ, 2005, p.16).

Contudo, se de um lado a tradição literária contribui com esses pré-conceitos, cabe à literatura contemporânea desmistificar o que não faz mais parte da realidade moderna. A literatura afro-brasileira apresenta, então, uma nova forma de pensar a mulher negra, a partir de uma imagem de autorrepresentação, que as mostrem como sujeito-mulher-negra (EVARISTO, 2005). Essa imagem é um contraponto baseado em uma experiência sociocultural e na busca de significar a existência e a sobrevivência de mulheres negras, numa escrevivência, diferentemente do representado pelo imaginário patriarcal e colonial da tradição.

Pode-se concluir que na escre(vivência) das mulheres negras, encontramos o desenho de novos perfis na literatura brasileira, tanto do ponto de vista do conteúdo, como no da autoria. Uma inovação literária se dá profundamente marcada pelo lugar sócio-cultural em que essas escritoras se colocam para produzir suas escritas. (EVARISTO, 2005, p. 54).

A literatura afro-brasileira busca ressignificar a dinâmica de afeto envolvendo as mulheres negras, buscando uma representação mais saudável e positiva, que influencie o senso comum nacional, alterando aquilo que foi alimentado por conflitos de gênero, raça e classe social. Nesse sentido, é interessante pensar na Dororidade como construtora da literatura afro-brasileira feminina, já que se trata de uma vertente feminista, e a literatura trata de representar características desses produtos filosóficos como um ponto de vista diferente daquele. É interessante observar a declaração de Evaristo (2005), na qual afirma que um dos aspectos mais fortes na literatura brasileira é a falta da mulher negra como mãe, exercendo atividades de acordo com o seu papel de matriz de uma família negra:

Na ficção, quase sempre, as mulheres negras surgem como infecundas e por tanto perigosas. Aparecem caracterizadas por uma animalidade como a de Bertoleza que morre focinhando, por uma sexualidade perigosa como a de Rita Baiana, que macula a família portuguesa, ambas personagens de *O Cortiço*, (1890) de Aloísio de Azevedo, ou por uma ingênua conduta sexual de Gabriela, Gabriela, Cravo e Canela, (1958) de Jorge Amado, mulher-natureza, incapaz de entender e atender determinadas normas sociais. (EVARISTO, 2005, p. 53).

Ao desmistificar essa representação e buscar uma alternativa assertiva, vale lembrar que para as famílias afro-brasileiras, a matrifocalidade² está como uma alternativa familiar, na qual a estrutura familiar se baseia na mãe no topo da pirâmide, reconhecendo a importância das mulheres na família, possibilitando a autonomia no âmbito financeiro, familiar e residencial.

Tanto para a mulher africana, quanto para a afro-brasileira, a matrifocalidade, aparentemente, não foi só uma imposição da escravidão e do pós-abolição – com a conseqüente marginalização do homem negro. A mulher negra parece viver essa opção de forma diferente das mulheres brancas. Em minhas pesquisas anteriores, pude verificar que, para essas mulheres, a matrifocalidade não é encarada como sofrida, pesada; pelo contrário, acentua sua autonomia. (BERNARDO, 2003, p. 44).

Então, a literatura afro-brasileira busca narrativas que colocam a mulher negra como mãe, projetando ideais sociais possíveis a partir da dramaticidade humana que compõe a literatura brasileira, possibilitando representações de pessoas reais que vivenciam diferentes realidades sociais. Além disso, buscam construir uma afetividade maternal e familiar de mulheres bem-sucedidas, chefes de família que sejam exemplos a serem seguidos, fonte de fortalecimento.

A Dororidade na literatura afro-brasileira feminina também é representada por meio da espiritualidade e da ancestralidade que, muitas vezes, motivam a irmandade entre as personagens femininas negras, promovendo a manutenção da história cultural a partir da religião. A existência de todo um conjunto feminino, composto por gerações de mulheres negras, faz-se fundamental para a construção de uma espécie de cumplicidade entre iguais, considerando os aspectos matriarcais da cultura afrodescendente. (PEREIRA, 2018).

Piedade (2017) afirma que as mulheres negras e as Comunidades Tradicionais de Matriz Africana têm a mesma recepção na sociedade, por isso, são símbolos de resistência, de um "sagrado fundado pelas mulheres" (PIEIDADE, 2017, p. 35), já que a ancestralidade presente no terreiro é um espaço onde mulheres negras contribuíram consideravelmente para sua construção.

O terreiro enquanto território é espaço de preservação da ancestralidade africana, de valores civilizatórios e da preservação da língua iorubá cuja resistência das mulheres de axé foi fundamental para a manutenção desses

²Para Maria Gabriela Hita (2002, p. 4), matrifocalidade é “[...] um tipo de relacionamento onde o papel e centralidade da mulher são centrais, mesmo quando o grupo doméstico em questão pode não estar sendo chefiado por mulheres.”

conhecimentos. A partir do racismo religioso, uma das faces do racismo, se desenvolveram estratégias estatais para criminalizar e demonizar a religiosidade de matriz africana. (OLIVEIRA, 2021, p. 150).

A literatura afro-brasileira se utiliza desse aspecto ancestral e espiritual para colocar as mulheres negras em evidência literária, reproduzindo um papel de extrema importância social e construindo uma cumplicidade entre as mulheres que participam do mesmo grupo religioso.

Outra importante discussão acerca da literatura afro-brasileira feminina diz respeito à representação amorosa das mulheres negras, pois muitas das personagens apenas vivem a dor do desamor ou da incapacidade de amarem e serem amadas. Santos (2018), em uma análise de uma personagem do conto "O Tapete Voador", de Cristiane Sobral, destaca que a afetividade é um ponto crucial para a literatura afro-brasileira feminina, pois ela observa que "Na humanização da personagem, a autora atribuiu-lhe o direito à afetividade, como também à escolha do seu parceiro, aspectos pertinentes à literatura negrofeminina." (SANTOS, 2018, p. 202).

bell hooks³ (2006, p. 189), importante ativista do feminismo negro norte-americano, afirma que "O amor cura. Nossa recuperação está no ato e na arte de amar", o que viabiliza a possibilidade de as mulheres colocarem em prática a autonomia nos relacionamentos, podendo se relacionar com quem quiser e como quiser, de uma forma natural, podendo serem felizes e realizadas com aquilo que romanticamente ou de forma prazerosa, escolheram viver.

Diante das discussões acima, observa-se que há Dororidade na literatura afro-brasileira, pois as narrativas se solidarizam com as personagens negras e contam histórias que representam a dor de ser uma mulher negra, buscando a experiência real de uma forma que se sintam acolhidas e compreendidas. Ainda, possibilitam que essa história seja contada de uma maneira diferente, valorizando a cultura afro-brasileira e colocando a mulher como uma personagem crescente e protagonista, reparando os lapsos sociais quanto às representações de gênero e raça.

Após passear pelas temáticas como o amor, maternidade, espiritualidade e ancestralidade, pode-se observar que todas as análises feitas vão ao encontro da afetividade, o que mostra que ela é um ponto forte da literatura afro-brasileira. Seja para/com a mãe, irmã, filhos ou parceiros, a Dororidade entra como uma ligação de

³ Aqui o nome de bell hooks será grafado em letras minúsculas, respeitando a preferência da autora, que justifica, afirmando que o mais importante em seus livros é "a substância e não quem ela é" (THE SANDSPUR, 2006).

reciprocidade, sendo uma importante ligação com o feminismo negro, uma cooperação com o movimento, proporcionando representações possíveis.

Feitas essas discussões, percebe-se que as narrativas afro-brasileiras contribuem com a luta de seus ancestrais e perpetuam a tradição e a identidade cultural da afrodescendência no Brasil. Quando se fala de narrativas afro-brasileiras femininas, de forma específica, vale ressaltar a importância delas no percurso para a democratização da literatura brasileira, pois contribuem com diálogos mais inclusivos, promovendo um lugar de fala e de poder para vozes marginalizadas. Então, pode-se definir a literatura afro-brasileira como um espaço de resistência, que rompe com a visão usual excludente da literatura brasileira tradicional.

4 A FORÇA DA DORORIDADE EM *CARTAS PARA MINHA AVÓ*

Este capítulo apresenta, inicialmente, a autora Djamila Ribeiro, do livro *Cartas para minha avó* (2021), que é o objeto de análise deste Trabalho de Conclusão de Curso, pois a sua biografia é uma peça fundamental para entender o porquê de as análises apontarem sua obra como uma literatura afro-brasileira feminina. Em seguida, analisa-se seu livro, a partir de teorias literárias apresentadas nos capítulos anteriores, principalmente dos autores Duarte (2015), Pereira (1995), Fonseca (2005), Evaristo (2005) e Piedade (2017), a fim de apontar as características que estabelecem a Dororidade como pontos centrais responsáveis por construir a afetividade na memória da narradora.

4.1 Djamila Ribeiro: vida e obra

Conhecida por ser referência ao feminismo negro e ativista dos direitos das mulheres negras, Djamila Taís Ribeiro dos Santos nasceu no dia 1 de agosto de 1980, em Santos, São Paulo. Cresceu em uma família negra que sempre esteve presente em movimentos militantes, principalmente seu pai, homem comunista, que sempre participava de atos e incluía assuntos políticos e sociais em casa.

Aos 19 anos, conheceu a ONG Casa da Cultura da Mulher Negra, em Santos, onde trabalhou durante quatro anos e conheceu obras feministas e de mulheres negras, conseqüentemente, começou a estudar sobre o assunto. Em 2012, Djamila concluiu sua graduação em Filosofia pela Universidade Federal de São Paulo e, depois, o mestrado em Filosofia Política, em 2015. Em 2016, foi nomeada Secretária-Adjunta dos Direitos Humanos e Cidadania de São Paulo, cargo no qual permaneceu até o final do mandato do então prefeito, Fernando Haddad.

No meio literário, Djamila também se destaca, tendo ao todo quatro livros publicados: *Lugar de fala* (2017), *Quem tem medo do feminismo negro?* (2018), *Pequeno manual antirracista* (2019) e *Cartas para minha avó* (2021), além de coordenar a publicação de uma coleção de livros chamada *Feminismos Plurais*, que traz livros escritos por autores negros e que falam sobre como o feminismo se desenvolve a partir de questões de gênero e raça. Djamila também foi indicada em premiações, como o Jabuti de Humanidades e *Prince Claus Award*. Atualmente, é

colunista e autora de textos publicados na *CartaCapital* e *Folha de São Paulo*, utilizando a *Internet* e os meios digitais como ponte para viabilizar informações sobre raça e gênero, promovendo debates importantes em torno desses assuntos.

Ao se levar em conta a pesquisa coordenada por Dalcastagnè (2012), já discutida neste trabalho, que traz o resultado de que 70% dos livros publicados no Brasil durante um período de 15 anos são compostos por escritores homens brancos pode-se afirmar que Djamila faz parte da pequena parcela que busca uma transformação na literatura brasileira, contribuindo com o movimento afro-brasileiro atual que busca representações possíveis para as mulheres negras e abre espaços para discussões que pautam o feminismo negro.

Em uma entrevista concedida a *Revista Ekstasis*, ela afirmou que existe um “[...] pacto narcísico [...]” da branquitude que colabora para que a academia branca fortaleça essa tradição literária, “[...] uma tecnologia do racismo que atua fortemente no ambiente acadêmico [...]” (RIBEIRO, 2019, p. 285), e, ao ser questionada sobre o que se pode e se deve fazer para uma mudança dessa realidade na produção de conhecimento, apontou que:

Isso já está sendo feito quando temos jovens negros e negras nos bancos acadêmicos, graças a políticas públicas na educação, pesquisando pensamento decolonial; isso está sendo feito quando biografias elencadas por professores e professoras aliadas na luta antirracista contemplam a diversidade crítica de raça e gênero; quando grupos de pesquisas são formados voltados à construção e disseminação de outras vozes. (RIBEIRO, 2019, p. 285).

É interessante trazer como exemplo desse pensamento decolonial, a própria Djamila, que em suas obras constrói uma estética negra, seja na narrativa ou na filosofia, utilizando a escrita para dialogar com a literatura e a ideologia antirracista, em uma literatura apontada como escrevivência, que, segundo Evaristo (2017) “[...] toma como mote de criação justamente a vivência. Ou a vivência do ponto de vista pessoal mesmo, ou a vivência do ponto de vista coletivo.” Então, pode-se dizer que a obra de Djamila Ribeiro está entrelaçada com a vivência da autora e que suas representações ideológicas literárias e acadêmicas derivam principalmente de situações sociais, de raça e de gênero vivenciadas.

4.2 *Cartas para minha avó*: um olhar a partir das características da literatura afro-brasileira

Cartas para minha avó foi publicado pela editora Companhia das Letras no ano de 2021. Com 200 páginas, a obra gira em torno dos relatos da autora Djamila Ribeiro, que se imagina escrevendo cartas para a finada avó, Dona Antônia, na intenção de compartilhar pensamentos e relatar lembranças de sua vida, já que por conta da morte prematura da avó, não teve chances de ter um contato mais intimista e verdadeiro, nem dividir questionamentos e filosofias particulares com ela.

Nunca consegui perguntar a você como foi criar sete filhos com meu avô. Como foi ser mãe [...], como foi ser esposa [...], como foi ser matriarca de uma das poucas famílias negras de São Dimas [...] Como você lidava com o racismo. Será que pensava sobre isso ou foi forçada a neutralizá-lo? Eu não tive tempo de lhe perguntar nada disso. Quais eram seus sonhos, seus medos. (RIBEIRO, 2020, p. 12).

Nessas cartas, Djamila retorna à sua infância e adolescência, relembra sua trajetória, o amor e cuidado que sua avó tinha com ela, relembra, também, a forma que foi criada por seus pais, Erani e Joaquim. Entretanto, as lembranças são impactadas pela forma que a autora as descreve, agora já adulta, tendo consciência do racismo que assola o seu povo e de como os familiares se portavam a partir de determinadas situações. O livro tem um tom confessional, pois, em vários momentos, a autora conta como se sentiu em momentos de sua vida e como encarou na época os problemas, a partir da visão que ela tem hoje em dia.

Apresentado o livro, é importante refletir, também, se *Cartas para minha avó* pode ser considerada literatura afro-brasileira, a partir das características propostas por Duarte (2010): temática, autoria, ponto de vista, linguagem e público.

Logo no início da obra, consegue-se identificar à **temática**, pois a autora apresenta o respeito e o carinho que sente pela matriarca de sua família, além da gratidão pelos rituais religiosos que sua avó fazia: "Lembro também, vó, de seu colo quente e amoroso, das suas mãos rápidas, que benziavam seu corpo enquanto sussurrava rezas quase incompreensíveis" (RIBEIRO, 2021, p. 11). Além disso, a autora vê a escrita das cartas como uma forma de afirmar sua ancestralidade, afirmando a sua identidade e saudando os seus antepassados.

Mas acredito que contar minha própria história é um modo de revivê-las, de mantê-las vivas [...] Você humanizou toda uma linhagem e é meu dever também humanizá-la e, ao contar a você um pouco do que aprendi, eu me humanizo também. (RIBEIRO, 2020, p. 18).

O excerto dialoga diretamente com a definição de temática apresentada por Duarte (2010), que afirma que ela traz ao leitor os dramas vividos na modernidade brasileira, e que o culto afro-brasileiro e a memória ancestral são fundamentais para o processo de identificação de personagens negros.

Em relação à **autoria**, Djamila, mulher negra, relata em suas cartas, de forma intimista, a infância e adolescência de sua vida, trazendo relatos doloridos, mas não tornando isso o centro, pois seu foco é se conectar com sua ancestral, tentando transmitir o amor que recebeu, apesar da dor de viver em uma sociedade racista e machista. Duarte (2010) estabelece que a interação entre a escrita e experiência tem grande relevância na literatura afro-brasileira, muito por conta do compromisso identitário e comunitário que o autor tem. Além disso, *Cartas para minha avó* (2021) insere-se no conceito criado por Conceição Evaristo, da escrevivência, pois carrega, tal qual o conceito

[...] uma dimensão ética ao propiciar que a autora assuma o lugar de enunciação de um eu coletivo, de alguém que evoca, por meio de suas próprias narrativa e voz, a história de um "nós" compartilhado. (SOARES; MACHADO, 2017, p. 207, grifo dos autores).

Visto isso, pode-se dizer que a autoria é uma das características mais fortes na obra de Djamila, já que ela fixa suas experiências vividas na literatura e a temática permeia esses acontecimentos: “[...] preparar pra vida, quando se trata de uma criança negra, é ser brutalizada o bastante para aprender a lidar com a brutalidade do mundo”. (RIBEIRO, 2020, p. 24).

O **ponto de vista** é outra categoria que está diretamente entrelaçada com as duas apresentadas anteriormente, pois trata-se de conjuntos de valores que fundamentam o mundo autoral e o universo axiológico vigente no texto (DUARTE, 2010). Ou seja, quanto à literatura afro-brasileira, espera-se que o ponto de vista apresente uma perspectiva que celebre a cultura, a história e a problemática que envolve a vida e as condições que permeiam a existência do povo afro-brasileiro. (DUARTE, 2010).

Djamila representa a voz de pessoas marginalizadas na sociedade, apresentando um ponto de vista que acompanha o dia a dia de uma criança e

adolescente negra, suas felicidades e complicações. Em várias passagens do livro, aparece um ponto de vista descontente com o racismo reproduzido e sobre a rigidez com que sua mãe, Erani, criava os filhos: “[...] ‘antes eu te bater do que a polícia’, era uma frase que minha mãe dizia sempre pra gente. O medo da violência policial faz com que as mães negras não possam permitir que seus filhos errem”. (RIBEIRO, 2020, p. 23).

Essa rigidez da mãe é justificada pela autora da seguinte forma: “Às vezes, sentia que ela desejava ser mais leve, não tão dura, mas era como se algo maior a obrigasse, um medo de ‘não criar uma filha pra vida’” (RIBEIRO, 2020, p. 35). A mãe tinha medo de que a filha encontrasse pelo caminho violências das quais não conseguiria ser protegida, já que crianças negras carregam consigo uma bagagem racial e sócio-histórico muito pesada em relação ao preconceito.

A autora relembra suas idas à escola e comenta o quanto se sentia desamparada por sofrer ataques regulares de racismo e ter adultos que não a protegiam, afirmando que não era um lugar seguro, pois “[...] as educadoras e os educadores não tinham o mínimo preparo para lidar com questões raciais” (RIBEIRO, 2021, p. 25). Até os funcionários da escola pareciam fazer parte das práticas racistas, pois, quando ouvia comentários como “Djamila é preta, então empresta só a canetinha preta pra ela” (RIBEIRO, 2021, p. 27), não a defendiam. “Era sempre assim, elas nunca me defendiam ou recriminam o que ouviam, era quase intuitivo o desprezo que sentiam”. (RIBEIRO, 2021, p. 27).

Em relação ainda ao ponto de vista quanto às representações negras que eram apresentadas para as crianças da época - ou a falta delas, a autora assim comenta no livro: “De fato, não havia cenas de discriminação direta, mas tampouco havia personagens negros nas histórias: tudo girava em torno de garotas e garotos brancos e loiros e seus dramas”. (RIBEIRO, 2021, p. 32).

Quanto à **linguagem**, mais especificamente ao discurso, Djamila apresenta um discurso antirracista, mostrando essa busca de ruptura quando desfaz estereótipos que contribuem com a manutenção da desigualdade, tal como Bernd (1987 *apud* DUARTE, 2010, p. 117) apresenta quando afirma que o discurso afrodescendente busca a “[...] ruptura com os contratos de fala e escrita ditados pelo mundo branco”.

Em uma entrevista a Mano Brown, do podcast *Mano a Mano*, ao ser questionada para qual público era destinado suas obras, Djamila afirma “Para os negros e negras né, porque nesse selo que eu coordeno, publico autores homens e

mulheres negros, né? [...] O livro é barato, a linguagem tem que ser mais acessível”. (MANO A MANO, 2021). A partir disso, conclui-se que *Cartas para minha avó* (2021) se desenvolve sendo acessível para todos, a partir de uma linguagem às vezes mais informal, tanto para viabilizar o acesso à literatura para o povo marginalizado, quanto para representar uma conversa informal com sua avó, já que a autora afirma, de forma intimista, que deseja apresentar quem ela se tornou, esperando que a avó “[...] não se incomode por eu chamá-la de ‘você’ e não de ‘senhora’, mas é porque eu quero aqui, conversar com a Antônia”. (RIBEIRO, 2021, p.19). Nesse sentido, é interessante trazer uma fala de Evaristo (2007, p. 21, grifo da autora) sobre o porquê de uma linguagem informal se tornar transgressora:

Em se tratando de um ato empreendido por mulheres negras, que historicamente transitam por espaços culturais diferenciados dos lugares ocupados pela cultura das elites, escrever adquire um sentido de insubordinação. Insubordinação que se pode evidenciar, muitas vezes, desde uma escrita que fere as “normas cultas” da língua.

Se a linguagem se trata de uma forma de comunicação, o autor precisa ter um **público** para se comunicar. Com isso, acredita-se que o público da literatura afro-brasileira busca por uma afirmação identitária (DUARTE, 2010) e Djamilia acolhe de forma afetuosa e inclusiva aqueles que chegam até ela. Evaristo (2021), ao escrever sobre *Cartas para minha avó* (2021), na contracapa do livro, afirma que em vários momentos ele comprova que “[...] a ternura, o afeto e a cumplicidade podem e devem ser construídos como táticas de enfrentamento ao mundo hostil que nos cerca”. Dessa forma, acredita-se que esse acalento literário conversa diretamente com o público, por se tratar de uma obra que dialoga com o papel social do público-alvo.

Para concluir, a partir das cinco características apresentadas por Duarte (2010), pode-se afirmar que *Cartas para minha avó* (2021) é uma literatura afro-brasileira em sua plenitude. Os componentes apresentados, quando em interação, suplementam a obra e a transformam em cultura e arte, reafirmando a identidade do povo negro e resgatando ideais e costumes que a autora considera importante para a literatura afro-brasileira.

4.3 As relações de Dororidade entre as personagens de *Cartas para minha avó*

Conforme apontado por Piedade (2017), a sororidade pode não ser o bastante para acolher todas as mulheres, por isso a importância do conceito Dororidade, que pode ser observado no livro ora analisado. Para iniciar essa discussão, é interessante trazer o relato que Djamilia faz quanto às crianças que estudavam com ela na infância, em que expõe os ataques de racismo que sofreu e como as meninas brancas reagiam: “Sabrina podia não entender nada de teorias racistas, mas sabia aproveitar seus privilégios para sempre se colocar a frente e tentar controlar e comandar tudo”. (RIBEIRO, 2021, p. 27). A autora também relata que, quando tentava se encaixar nos padrões pré-estabelecidos, alisando o cabelo, por exemplo, para participar da rodinha de meninas brancas, mesmo assim era insultada por comentários racistas e se sentia desamparada.

Eu queria levar pente e escova para a escola como as meninas brancas faziam [...] sentei ao lado de uma das meninas e fiquei ali, satisfeita, passando a escova que deslizava com mais facilidade nos fios alisados [...] até ouvir um garoto mais velho me atacar “cuidado para não quebrar o pente”. As gargalhadas das outras crianças desafinaram a sinfonia que eu escutava. (RIBEIRO, 2021, p. 31, grifos da autora).

Durante sua adolescência, Djamilia se sentia invisível, tanto para os meninos quanto para as amigas brancas com quem convivia. As amigas também sabiam desse sentimento de invisibilidade, por isso, não a viam como uma ameaça para os desejos amorosos delas, inclusive, se aproveitavam disso: “Se algum garoto mexia com a gente na rua, sempre era pra elas [...] se eu achasse um garoto bonito, branco ou negro, elas já diziam ‘Mas ele não vai querer ficar com você, né?’”. (RIBEIRO, 2021, p. 101, grifos da autora). Ela salienta, ainda, que normalmente as garotas brancas se sentiam superiores a ela e, por mais que fossem amigas, faziam comentários e davam conselhos que não a ajudavam com sua autoestima. E quando questionava, era tratada como ingrata.

Uma em especial certa vez me disse “pare com essa história de racismo, eu sou branca e sou sua amiga. Racismo é coisa do passado, acho você um pouco paranoica”. “Sou branca e ando com você”, ouvi de outra. Elas queriam que eu me sentisse grata por tamanha benevolência. (RIBEIRO, 2021, p. 116-117, grifos da autora).

As formas de sociabilidade apresentadas por Djamilia quanto ao tratamento das mulheres brancas que passaram na vida dela eram bem diferentes do tratamento encontrado pelas mulheres negras. Então, a sororidade não cabe quanto um

sentimento de união na escrevivência de Djamila, mas sim a Dororidade, pois a dor sentida e descrita por Djamila, só pode ser sentida conforme a cor de pele: “[...] a sororidade parece não dar conta da nossa pretitude [...] quanto mais preta, mais racismo, mais dor.” (PIEDADE, 2017, p. 17).

A partir desse raciocínio, como as amigas brancas de Djamila poderiam acolhê-la e a colocarem num lugar de pertencimento se elas não sentiam a mesma dor? Marcinik e Mattos (2017, p. 2) afirmam que “[...] reconhecer-se privilegiada a partir de sua cor não é uma tarefa fácil para quem não sofre discriminação racial e pertence a uma lógica etnocêntrica normativa”. Quando esse reconhecimento não acontece, a falta de uma democracia racial se torna mais forte:

Por que se ama a branca e não a negra? Olhares condicionados e submissos a uma ideologia, à melancólica valorização dos traços finos. É muito difícil encontrar olhares sinceros e destreinados. (RIBEIRO, 2021, p. 85).

Cartas para minha avó (2021) apresenta uma realidade na qual mulheres brancas precisam estar atentas, procurando ser solidárias com a dor das mulheres negras enquanto entendem as posições sociais privilegiadas que ocupam por conta de seus fenótipos raciais, construindo uma sororidade advinda de um “Feminismo Interseccional Inclusivo” (PIEDADE, 2017, p. 25), que nada mais seria do que “compreender que as opressões de gênero, classe e raça se relacionam entre si e interferem na vida de cada mulher, então, a mulher negra sofre mais que “um eixo de subordinação”. (FIGUEIREDO; MARTINS, 2020, p. 337)

Na escrevivência de Djamila, pode-se notar que a autora foca os seus relatos em inúmeras personagens, mas as que mais se destacam são sua mãe e sua avó: esta por ser a destinatária das cartas e aquela por vivenciar com ela alguns relatos. É interessante aqui pensar em como a escrita dessas cartas são resultados de uma filosofia que humaniza as mulheres negras e as colocam em evidência como peça central na literatura, mais precisamente, advinda do feminismo negro, como afirma Evaristo (2017): “Penso nos feminismos negros como sendo esse estilhaçar, romper, desestabilizar, falar pelos orifícios da máscara”, e é o que acontece em *Cartas para minha avó* (2021), quando a autora humaniza suas ancestrais e as coloca em um lugar de possibilidades, dignas de erros, acertos e fraquezas.

Seguindo essa linha de raciocínio, a Dororidade é um dos conceitos mais fundamentais para se pensar *Cartas para minha avó*. Piedade (2017) afirma que como

a carne preta ainda continua sendo a mais barata do mercado, a dor provocada pelo machismo e o racismo, em todas as mulheres negras, fundam a Dororidade. Djamila representa essa união provocada pela dor, de uma forma muito pessoal e delicada, mas afirma que “[...] mudar a forma como a dor se manifesta não muda o que ela causa” (RIBEIRO, 2021, p. 64). Então, cabe aqui, trazer que apesar de a Dororidade ser representada por momentos de cumplicidade, pertencimento e acolhimento, ainda é uma palavra de sofrimento.

Essa imagem da mulher negra forte é muito cruel. As pessoas se esquecem de que não somos naturalmente fortes. Precisamos ser porque o Estado é omissivo e violento. Restituir a humanidade também é assumir fragilidades, e dores próprias da condição humana. Somos subalternizadas ou somos deusas. E pergunto, quando seremos humanas? (RIBEIRO, 2021, p. 15).

É pertinente se ter um olhar mais profundo à relação entre mãe e filha que se destaca entre Djamila e Erani. Esta, apesar de ter tido uma criação muito rígida, sempre deixou claro que o que fazia era por amor. Tinha medo de seus filhos sofrerem por conta do racismo que existe na sociedade e sempre dizia aos filhos: “O mundo não vai te ensinar com amor” (RIBEIRO, 2021, p. 40). Esse sentimento de Dororidade que Erani tinha para com a filha pode ser visto no excerto abaixo, quando Djamila afirma que:

Essa cumplicidade, porém, tinha um sentido mais profundo: o de me proteger das violências que somente mulheres sofrem [...] Se as injustiças do mundo me deixam indignada, foi porque olhos altivos negros da cor da noite me acolheram antes que eu pudesse aprender as palavras, antes que eu soubesse o que era feminismo ou luta política. (RIBEIRO, 2021, p. 43).

Para Piedade (2017), o apoio, união e irmandade entre as mulheres impulsionam o movimento feminista (PIEADADE, 2017). Dessa forma, então, não é errado quando Djamila chega à conclusão de que mesmo sem saber o que era feminismo, sua mãe colocou em prática um conjunto de ações que promoveram o empoderamento feminino e uma vivência humana para ela “[...] Você, que nunca soube o que era feminismo, minha mãe, que nunca soube o que era feminismo, me ensinaram a importância de me defender”. (RIBEIRO, 2021, p. 51).

Como um exemplo dessas ações, traz-se aqui um excerto, no qual a autora relata que sua mãe sempre a protegeu, sem questioná-la ou julgá-la:

Bastou um aceno de cabeça para ela acreditar em mim. Não houve “Tem certeza, filha?”. Foi um aceno de cabeça enquanto eu tomava banho e esfregava minhas costas para ela afastar para longe do perigo. A força dos olhares cúmplices. (RIBEIRO, 2021, p. 51).

Djamila relata que sua mãe dava conta da parte mais pesada da criação dela e de seus irmãos; então, já adulta, reconhece toda essa cumplicidade que sua mãe compartilhou, afirmando que o peso de tudo ficava para a mãe:

Era a minha mãe quem precisava ir às reuniões de escola, quem cobrava para que fizéssemos as tarefas de casa e quem tinha que disputar com meia dúzia de adolescentes o único banheiro da casa [...] Era fácil para meu pai posar de bem resolvido na vida conjugal. Minha mãe era quem ficava sobrecarregada com os cuidados conosco - e quando ela gritava com a gente ele a chamava de louca. Hoje percebo a injustiça e o viés machista dessa divisão de papéis. (RIBEIRO, 2021, p. 55).

Dois eventos mudaram sua relação com sua mãe. O primeiro foi quando Erani escuta suas duas filhas falando que entendem o motivo pelo qual ela mostrava rigidez na criação das crianças: “[...] minha mãe teve suas asas cortadas por muitas tesouras, e dizer a ela que a compreendíamos foi como fazer um pedaço se colar.” (RIBEIRO, 2021, p. 58). A partir desse momento, a autora diz que a cumplicidade e a intimidade entre elas deram um salto. O segundo evento foi quando sua mãe confidenciou que, ao engravidar dela, foi a um curandeiro para tomar chás e fazer rituais para interromper a gravidez, pois tinha medo de não dar conta dos outros filhos que já tinha, que ainda eram pequenos, e dos afazeres domésticos e por questões financeiras. Djamila fala que, a partir daí, teve a oportunidade de conhecer sua mãe como um sujeito único, Erani; em contrapartida, sua mãe pode também reconhecê-la como sujeito individual, Djamila.

Sobre essa relação autêntica acontecer apenas na adolescência, Djamila faz um comentário sobre como antes de existir uma aliança entre as mulheres, é lhes ensinado a cultivarem o ressentimento uma com a outra, esquecendo que os homens também têm responsabilidades que não cumprem e, por isso, as mulheres seguem violentando umas às outras por não suprirem as faltas que não são da responsabilidade delas. (RIBEIRO, 2021, p. 66).

Passamos a vida culpando as mulheres que nos criam, assim como muitas vezes culpei minha mãe, sem olhar para quem nos tira o chão, a casa, as oportunidades. Acabamos sempre onerando outras mulheres pela falta de

escolhas que nos é imposta. São sempre elas que precisam abrir mão do pouco que têm para alimentar toda a aldeia. (RIBEIRO, 2021, p. 65).

Erani, mãe de Djamila, ainda nova, descobriu um tumor no rim. Fez cirurgia, quimioterapia e radioterapia e conseguiu reverter a situação da primeira vez, mas a doença retornou após um tempo e, infelizmente, não sobreviveu. Djamila, ao lembrar esse momento de sua vida, relembra também que, ao mesmo tempo que sua mãe lidava com problemas de saúde, lidava com a separação e como foi ela, sua irmã e sua prima que permaneceram ao lado de sua mãe: “[...] fico feliz em dizer que ela não esteve só, mas veja como nós mulheres [é] que sempre cuidamos umas das outras, vó”. (RIBEIRO, 2021, p. 69).

A autora também relembra como seu pai, enquanto sua mãe estava em tratamento, arrumou outra mulher e o quanto ela ficou magoada por isso, e foi somente por insistência de Djamila que Joaquim foi até o hospital e conversou com Erani, colocando um ponto-final naquela história. Sobre isso, Djamila parece sentir a dor de sua mãe quanto à ausência de seu pai, mas, como Erani o havia perdoado, acredita que não cabe a ela continuar perpetuando aquele ódio, por isso afirma que “Erani quebrou um ciclo de dores e mágoas, um ciclo que não precisei herdar”. (RIBEIRO, 2021, p. 72).

A conexão forte que existia entre mãe e filha foi cultivada também por Djamila em relação à sua filha, Thulane. A autora afirma que é necessário que ela aprenda sobre a linhagem ancestral da qual faz parte e sobre as histórias da avó Antônia, bisavó de Thulane, principalmente, porque “[...] precisa saber de onde veio para escolher para onde vai”. (RIBEIRO, 2021, p. 41).

Por ter visto e vivenciado a infelicidade da mãe, não quer repetir os mesmos erros em relação à Thulane. Então, quanto ao olhar materno de Djamila, ela diz que tenta repassar aprendizados importantes para sua filha, mas também quebra preconceitos que acredita não serem bons para a criação de Thulane, como, por exemplo, falar abertamente sobre relacionamentos e sexo, já que antigamente esses temas eram considerados tabus:

Educo Thulane para se conhecer, não ter vergonha do corpo. Consegui tirar o peso do não dito, da vergonha em falar sobre menstruação. Conversamos sobre sexo, sem tabus [...] uma coisa nós ainda temos de você: a força dos olhares cúmplices. (RIBEIRO, 2021, p. 92).

Djamila também fala sobre como gostaria de que sua filha tivesse com quem compartilhar essa cumplicidade e como gostaria de promover um ambiente de crescimento para sua filha, que tivesse mulheres negras em volta: “Eu queria que minha filha fosse amada por mulheres como eu, que ela se sentisse preenchida de amor. Conviver com pessoas negras, num círculo cheio de amor, era uma maneira de cuidar da saúde dela”. (RIBEIRO, 2021, p. 143).

Para concluir, nota-se que o sentimento mais forte que a narradora apresenta é a Dororidade que tem com as mulheres que criaram ela e com a filha. Apesar de sua mãe e sua avó não terem conhecido Thulane, Djamila iguala o sentimento que sente pelas três, como se a Dororidade fizesse parte da ancestralidade que ela cultua, uma transmissão de saberes entre as mulheres de sua família.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do que foi exposto ao longo deste trabalho, é possível afirmar que *Cartas para minha avó* (2021), de Djamila Ribeiro, pertence ao que se denomina literatura afro-brasileira, por se tratar de uma obra que mostra um panorama narrado por uma mulher negra, que conta a história de sua vida, indo contra o silenciamento perpetuado pelo histórico sociocultural de uma sociedade racista. No livro, percebe-se que Djamila, ao narrar a sua história, luta pela inclusão e pertencimento de pessoas que, até então, fazem parte de uma parcela marginalizada.

As palavras de Djamila, ao longo do livro, possuem um olhar de cumplicidade entre as mulheres negras presentes na narrativa, e a Dororidade tem destaque como um dos fatores principais que moldam o sentimento da autora. Não somente por demonstrar carinho e afeto pelas mulheres que fizeram parte de sua infância e adolescência, mas por ter um olhar de irmandade e de dor: a dor por serem negras, a dor de serem mulheres, a dor do luto e a dor da perda.

Ao falar sobre as relações entre ela e outras mulheres que passaram por sua vida, Djamila demonstra um conforto e segurança com as outras mulheres negras. Em relação às mulheres brancas, ela as descreve como momentos de desconforto, muito por elas não terem o mesmo lugar de fala e de sentimento que a autora tem, como também por não entenderem o porquê de ela levantar bandeiras antirracistas ou, pior, se aproveitarem do privilégio branco que têm. Por conta disso, acredita-se que, apesar de a Dororidade nascer da busca de um aprimoramento do significado de sororidade, não se pode dizer que Djamila teve um contato com a sororidade tão defendida pelo feminismo branco. Das vezes que cultivou um relacionamento com mulheres brancas, ela se sentiu usada, pois muitas, como ela conta, apenas a usaram como uma forma de desculpa, para poderem dizer, talvez, que não eram racistas.

As memórias compartilhadas pela autora dão destaque para a sua criação, regida pelo amor e cuidado. A resistência e a identidade afro-brasileira são transmitidas por meio da memória, com isso, pode-se concluir que *Cartas para minha avó* preserva a ancestralidade afro-brasileira que faz parte da identidade da autora. Nota-se, também, que Djamila apresentou uma crítica quanto ao lugar em que as mulheres negras são colocadas socialmente, mostrando sua mãe como uma mulher que, apesar de inteligente e bonita, foi posta como um subproduto na sociedade. Portanto, é possível concluir que Djamila colabora com a definição de Dororidade

criada por Piedade (2017), mantendo a crítica aos mecanismos desiguais e privilegiados que constroem a sociedade, oportunizando uma nova identidade política e social para as mulheres negras.

Então, pode-se afirmar que *Cartas para minha avó* (2021) se estabelece na literatura afro-brasileira contemporânea feminina ao mostrar as relações solidárias que as mulheres negras têm umas com as outras, ao mesmo tempo, que apresenta uma crítica feroz à situação da mulher negra na sociedade e o tratamento diferente que recebe quando comparado a situação da mulher branca. Baseada em sua trajetória de vida, em que a desigualdade social e as relações de gênero e raça foram presentes, Djamila se torna uma autora de uma escrivência necessária para as prateleiras brasileiras, já que a sua realidade é a mesma realidade de inúmeras mulheres brasileiras.

Por fim, afirma-se que valorizar a literatura afro-brasileira é dar espaço para que essas narrativas cresçam nos ambientes contemporâneos. Assim, trazer discussões em torno de personagens femininas negras acaba por fugir dos padrões pré-estabelecidos e dá voz e espaço à sensibilidade e profundidade das dessas personagens, mostrando os valores ancestrais, familiares e comunitários.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Miriam. **BrasilAfro autorrevelado**: literatura brasileira contemporânea. Belo Horizonte: Nandyala, 2010.
- BERNARDO, Teresinha. **Negras, mulheres e mães**: lembranças de Olga de Alaketu. São Paulo; Rio de Janeiro: EDUC; Pallas, 2003.
- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**: fatos e mitos. Tradução de Sérgio Milliet. 4. ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1980.
- BRASIL. Lei nº. 10.639 de 09 de janeiro de 2003. Inclui a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira” no currículo oficial da rede de ensino. Diário Oficial da União, Brasília, 2003.
- BRASIL. Ministério da Educação. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Brasília, 2004.
- CARNEIRO, Sueli. Enegrecer o Feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. **Geledes**. 2011. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/enegrecer-o-feminismo-situacao-da-mulher-negra-na-america-latina-partir-de-uma-perspectiva-de-genero/>. Acesso em: 05 set. 2022.
- CARNEIRO, Sueli. **Escritos de uma vida**. Belo Horizonte: Letramento, 2018.
- DALCASTAGNÈ, Regina. A personagem do romance brasileiro contemporâneo: 1990-2004. 2005. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, n. 26. Brasília, jul.-dez. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/9077>. Acesso em: 10 set. 2022.
- DALCASTAGNÈ, Regina. **Literatura brasileira contemporânea**: um território contestado. Rio de Janeiro: Editora Horizonte, 2012.
- DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016.
- DUARTE, Eduardo de Assis. **Literatura, política, identidades**: ensaios. Belo Horizonte: FALÉ-UFMG, 2005.
- DUARTE, Eduardo de Assis. Por um conceito de literatura afro-brasileira. **Terceira Margem**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 23, p. 113-138, dez. 2010. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/tm/article/view/10953>. Acesso em: 20 set. 2022.
- EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho de minha mãe um dos lugares de minha escrita. In: ALEXANDRE, Marcos Antônio (Org). **Representações performáticas brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces**. Belo Horizonte: Mazza, 2007. p 16-21.
- EVARISTO, Conceição. Da representação à auto-apresentação da mulher negra na literatura brasileira. **Revista Palmares**. Brasília, ano 1, n. 1, p. 52-57, ago. 2005.

Disponível em:
<https://www.palmares.gov.br/sites/000/2/download/52%20a%2057.pdf>. Acesso em:
 20 set.2022

EVARISTO, Conceição. **Poemas da recordação e outros movimentos**. Belo Horizonte: Nandyala, 2008.

EVARISTO, Conceição. Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. **Scripta**, [s. l], v. 25, n. 13, p. 17-31, dez. 2009. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/4365>. Acesso em: 07 out. 2022.

EVARISTO, Conceição. **Insubmissas lágrimas de mulheres**. Belo Horizonte: Nandyala, 2011.

EVARISTO, Conceição. Escritora Conceição Evaristo é convidada do Estação Plural: depoimento [jun. 2017]. Entrevistadores: Ellen Oléria, Fernando Oliveira e Mel Gonçalves. **TVBRASIL**, 2017. YouTube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Xn2gj1hGsoo>. Acesso em 11 nov. 2018.

EVARISTO, Conceição. Esse lugar também é nosso. Escritora Conceição Evaristo busca vaga na Academia Brasileira de Letras. Entrevista concedida a Ana Paula Acauan, **Revista PUCRS**, Nº 191, Julho/Setembro de 2019. Disponível em: <https://www.pucrs.br/revista/esse-lugar-tambem-e-nosso/>. Acesso em: 03 de jul. de 2022

FIGUEIREDO, Fernanda Rodrigues de. **A mulher negra nos Cadernos Negros: autoria e representações**. 2009. 128 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/ECAP-7TTGA8/1/disserta_ao_mestrado_backup_revisado_2.pdf. Acesso em: 10 out. 2022.

FIGUEIREDO, Priscila Silva de; MARTINS, Valéria Soares. O Feminismo Interseccional na articulação do saber acadêmico e da ação política: reflexões a partir da experiência de um coletivo feminista. **Odeere**, [S.L.], v. 5, n. 10, p. 334-344, 31 dez. 2020. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia/Edicoes UESB. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/odeere/article/view/6780> Acesso em 22 out. 2022.

FONSECA, Maria Nazareth Soares. Percursos da memória em textos das literaturas africanas de língua portuguesa. Niterói: **Gragoatá**, 2005. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/gragoata/article/view/33254/19241>. Acesso em: 07 nov. 2022.

GONZALEZ, Lélia; HASENBALG, Carlos. **Lugar de negro**. Editora Marco Zero Limitada, Rio de Janeiro, 1982.

HITA, Maria Gabriela. Mãe-Vó-Bi: chefe de família em arranjo matrifocal negro. **Anais**, p. 1-35, 2002. Disponível em: <http://www.abep.org.br/publicacoes/index.php/anais/article/view/1130/1093>. Acesso em: 05 set. 2022

hooks, bell. Vivendo de amor. In: WERNECK, Jurema; MENDONÇA, Maisa; WHITE, Evelyn C. (orgs.). **O livro da saúde das mulheres negras**: Nossos passos vêm de longe. Rio de Janeiro: Pallas; Criola, 2000.p. 188-198.

BRASIL. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. **Retrato das desigualdades de gênero e raça**. 2009. Disponível em: https://ipea.gov.br/retrato/indicadores_chefia_familia.html. Acesso em: 05 set. 2022

LE GOFF, Jacques. **Memória**. História e memória. Trad. Bernardo Leitão et al. Campinas: Educamp, 1992. p. 419-476.

MANO A MANO: Mano Brown recebe Djamila Ribeiro. Entrevistada: Djamila Ribeiro. Entrevistador: Mano Brown. [S. l.]: **Spotify**, 25 nov. 2021. Podcast. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/6K2ge9IHbbm0nOQ1OfxOLH>. Acesso em 22 out. 2022.

OLIVEIRA, Jéssica Cristina Alvaro de. Dororidade: A união das mulheres pretas através da do. **Ayé Revista de Antropologia**: Dossiê as contribuições de intelectuais negras para as ciências humanas e sociais, Rio de Janeiro, v. 1, n. 03, p. 148-151, set. 2021. Disponível em: <https://revistas.unilab.edu.br/index.php/Antropologia/article/view/751>. Acesso em: 07 out. 2022.

PENHA, Daniela. Negros são 82% dos resgatados do trabalho escravo no Brasil. 2019. **Repórter Brasil**. Disponível em: <https://reporterbrasil.org.br/2019/11/negros-sao-82-dos-resgatados-do-trabalho-escravo-no-brasil/>. Acesso em: 30 jul. 2022.

PEREIRA, Edimilson de Almeida. Panorama da literatura afro-brasileira. **Callaloo**, [s. l.], v. 18, n. 4, p. 1035-1040, 1995. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/3298939>. Acesso em: 09 ago. 2022.

PEREIRA, Rodrigo da Rosa. Representações da afetividade na literatura afro-brasileira de autoria feminina contemporânea. **Letras**, [S.L.], n. 57, p. 137, 28 nov. 2018. Universidad Federal de Santa Maria. Disponível em <http://dx.doi.org/10.5902/2176148531669>. Acesso em: 05 set. 2022.

PIEDADE, Vilma. **Dororidade**. São Paulo: Editora Nós, 2017.

PROENÇA FILHO, Domício. A trajetória do negro na literatura brasileira. **Estudos Avançados**. São Paulo, v. 18, n. 50, Abr. 2004. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/9980#:~:text=Procura%20marcar%20a%20ultrapassagem%20do,de%20auto%2Dafirma%C3%A7%C3%A3o%20da%20etnia>. Acesso em: 03 de jul. de 2022.

ROCHA, Luiz Carlos Paixão da. Lei 10639/03: Desafios e perspectivas para a implementação dos conteúdos afro-brasileiros nas escolas. In: SOUZA, M.H.V (Org). **Relações raciais no cotidiano escolar**: diálogos com a lei 10639/03. Rio de Janeiro: Rovel, 2009.

RIBEIRO, Djamila; **Cartas para minha avó**. São Paulo: Companhia Das Letras, 2021.

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?**. São Paulo: Companhia Das Letras, 2018.

RIBEIRO, Djamila. Djamila Ribeiro: uma voz para nosso tempo. Entrevista com Djamila Ribeiro. **Ekstasis: revista de hermenêutica e fenomenologia**. vol. 8, N. 2 (maio/2020) p. 278-291.

SANTOS, Ana Paula. Sororidade: por que precisamos falar sobre isso? **Politize**.2020. Disponível em: <https://www.politize.com.br/sororidade/>. Acesso em: 11 set. 2022.

SANTOS, Mirian Cristina dos. **A mulher negra nos Cadernos Negros**: autoria e representações. 2018. 180 f. Tese (Doutorado) - Curso de Letras, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/6717>. Acesso em: 10 set. 2022.

SCARPELLI, Marli. Machado de Assis: entre o preconceito, a abolição e a canonização. **Matraga**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 23, p. 55-73, jul./dez. 2008. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/matraga/article/view/27886>. Acesso em: 10 set. 2022

MARCINIK, Georgia Grube; MATTOS, Amana Rocha. **Sobre Branquitude e Privilégio**: Analisando Movimentos Feministas Brancos. Florianópolis: UFSC, 2017. Disponível em: http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1499450800_ARQUIVO_Marcinik,GeMattos,A_Texto_completo_MM_FG.pdf. Acesso em: 30 out. 2022.

SOARES, Elza. **A carne**. São Paulo: Tratore, 2002, 3min39s.

SOARES, Lissandra Vieira; MACHADO, Paula Sandrine. "Escrevivências" como ferramenta metodológica na produção de conhecimento em Psicologia Social. **Rev. psicol. polít.**, São Paulo, v. 17, n. 39, p. 203-219, ago. 2017. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2017000200002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 10 nov. 2022.

SOUZA, Florentina. Memória e performance nas culturas afro-brasileiras. *In*:ALEXANDRE, Marcos Antonio (Org.). **Representações performáticas brasileiras**: teorias, práticas e suas interfaces. Belo Horizonte: Mazza, 2007. p. 30-39.

THE SANDSPUR. Florida: Rollins College. Disponível em: <https://stars.library.ucf.edu/cfm-sandspur/2685>. Acesso em: 20 out. 2022

TINOCO, Dandara. Antídoto à rivalidade: sororidade, substantivo feminino: termo usado para expressar empatia entre mulheres ganha força nas redes sociais. **O Globo**. Rio de Janeiro, p. 121-123. mar. 2016. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/16307/Sororidade.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 07 out. 2022.